

J. EUSTACHIO DE AZEVEDO
(Jacques Rolla)



LITTERATURA PARAENSE

(Synthese historica de seu movimento)



O BITTENCOURT
098115
41

A SEMANA — Casa Editora
33— Travessa 7 de Setembro —33
PARÁ—BRASIL





LITTERATURA PARAENSE

A SEMANA—PARÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA DO AMAZONAS

REGISTRO:

DATA:



J. Eustachio de Almeida

J. EUSTACHIO DE AZEVEDO
(Jacques Rolla)

Litteratura

Paraense

(SYNTHESE HISTORICA DE SEU MOVIMENTO)



AM
869.098M5
A994.2

A SEMANA — Casa Editora
33 — Travessa 7 de Setembro — 33
PARÁ — BRASIL.



Salve, Brasil!

Esta é a ditosa Patria minha amada...
Camões. LUSIADAS.

Independencia ou morte!
D. PEDRO I.

1822 — 1922.

Este livro foi feito, especialmente, para
commemorar a data gloriosa do cente-
nario da Independencia politica de mi-
nha Patria, a 7 de setembro de 1822, ás
margens do Ypiranga.

Salve, Brasil!

O Auctor

INTRODUÇÃO

Da historia da litteratura paraense, propriamente dita, ninguém, que eu saiba, até hoje tratou, nos varios compendios e estudos que abordam o assumpto e conhecidos são de todos nós. Neste ponto a "Lyra Amazonica", cuja publicação ficou no 3.º fasciculo, inavavel emprehendimento que Paulino de Brito e Sousa Filho não conseguiram terminar, bem como a minha "Anthologia Amazonica", que só tratam de poetas, fazem justiça as letras regionaes, divulgando produções firmadas pelos nossos bardos.

A Anthologia, porém, estando já na sua 2ª edição, foi a unica que conseguiu ter larga circulação, digo com jubilo e um pouco de orgullo...

O proprio sr. José Verissimo, saudoso escriptor brasileiro e paraense erudito, na sua "Historia da Litteratura Brasileira", de nós não cuidou, nem de leve, ao menos... (1)

É que, na opinião do atilado critico e rispido analysta, nas resenhas e estudos litterarios... "o Pará

(1) José Verissimo só mencionou Tenreiro Arantia, á *vue d'oiseau*, no capitulo em que trata da *Escola Mineira*. O resto elle desconhecia... porque não citou.

é impossível figurar, a quem, com pesar dizia, a civilização brasileira nada, absolutamente, deve". ("Revista Amazonica", pags. 174).

Se isto não é dura injustiça que se nos faz, não sei que outro nome possa ter.

Coelho Netto, que não é paraense, e com menos obrigação de nos conhecer, foi mais prodigo: no seu "Compendio de Litteratura Brasileira" faz justiça ás nossas lettras, citando dois ou tres intellectuaes do Pará, apesar de muito superficial e equivocadamente, por lhe terem faltado, infelizmente, os necessarios dados e esclarecimentos seguros.

Tanto assim é que aponta como um dos nossos romancistas o poeta Fléxa Ribeiro, cuja penna jamais se abalançou a rabiscar um capitulo, siquer, de romance.

A estranha opinião de José Verissimo sobre os intellectuaes de sua terra, publicada na "Revista Amazonica", é por elle confirmada no estudo recente que fez sobre a litteratura brasileira, inserto na "Bibliotheca Internacional de Obras Celebres", collecção, como disseram, *das produções litterarias mais celebres do mundo, na qual estão representados os auctores mais geniaes dos tempos antigos, medievae e modernos.*

Ahi, como aliás em todos os escriptos de Verissimo, o Pará brilha pela ausencia...

Afinal, desta vez ao menos, foi a nosso favor esse

esquecimento. A obra, que é colossal, pelo tamanho (24 grossos e grandes volumes) foi tão mal revista, está cheia de tantos erros crassos e de tantas inverdades, que não passa de um producto de fancaria que não merece credito. E' um verdadeiro *conto do vigario*, deixem-me assim expressar, passado á bôa fé de seus incautos assignantes.

Seus auctores, em titulos e sub-titulos pomposos, garantem que o que nella se contem é um apanhado das *producções mais celebres do mundo, dos auctores mais celebres*, etc. ; todavia, fazendo *pendant* com esses genios ha muita celebridade de encommenda, ao passo que ficaram no olvido escriptores consagrados, nacionaes e estrangeiros.

Os cochilos e contrasensos abundam tambem nessa obra ingloria.

E não se diga que o sentimento que me impulsiona a penna é outro que não o de dizer, francamente, a verdade, já sabida de muitos.

Vicente de Carvalho, citando Julia Lopes de Almeida, no volume XIX, ao tratar com criterio e apturada linguagem da litteratura paulista, affirma que “a illustre romancista, NASCIDA EM PORTUGAL, criou-se em S. Paulo, onde escreveu o seu primeiro romance, a “*Familia Me-deiros*” ;” e no volume XXIII, ao transcreverem um trabalho da mesma escriptora, dizem os auctores da mo-

numental obra prima que, Julia Lopes NASCEU NO RIO DE JANEIRO a 24 de setembro de 1862!"

No volume XV, a paginas 7192, estampam o retrato do conselheiro José Vicente Barbosa du Bocage, publicado a paginas 273 do "Almanach de Lembranças" de 1909, e dizem ser a effigie fiel do grande bohemio e genial poeta portuguez, Manuel Maria Barbosa du Bocage, cujo retrato todos nós conhecemos!...

Ora, assim, que valor e que credito poderá ter uma tal obra? Como acreditarmos na sinceridade de seus confectionadores?...

Ha nella, entretanto, estudos conscienciosos de Vicente de Carvalho, sobre a litteratura paulista; de Arthur Orlando sobre a litteratura pernambucana; de Constançio Alves de Carvalho, sobre a maranhense; de Lindolpho Collor, sobre a do Rio Grande do Sul; de José Verissimo, sobre a litteratura brasileira, etc., estudos que abrem a primeira pagina de alguns volumes da obra. Só não mereceu a honra de um delicado convite um intellectual da Amazonia, para dizer algo do movimento litterario dos dois Estados do extremo norte da Republica!

E por que essa cruel exclusão, ou essa ogeriza inconcebivel?

Mysterio.

Por isso teve razão Paulino de Brito quando disse no 1º fasciculo da "Lyra Amazonica":

“Não somos, litterariamente, ricos; mas, da nossa mediania, ou mesmo pobreza, para essa indigencia vergonhosa, que nos attribuem, a differença é grande.

Já possuímos alguns nomes nas lettras, que podemos com orgulho apresentar á consideração do paiz e do estrangeiro; e algumas producções litterarias que os mais conspicuos poetas da lingua, quer antigos, quer modernos, poderiam assignar sem deslustre, antes, com gloria, para a sua reputação.

Donde, pois, esse abatimento, que nos infligem, esse desprezo profundo e injustificavel *pouco caso* com que são tratados as lettras e os litteratos da Amazonia?

Disto, sem duvida: que se não aprecia o que por absoluto se desconhece.”

O defeito, portanto, é nosso... Vem da nenhuma divulgação de nossas lettras; da nossa tradicional indolencia provinciana; do nosso retrahimento inato á expansão de nosso merito proprio e, tambem, com verdade maior, da falta de recursos dos nossos intellectuaes, ricos de espirito, porém pobres de pecunia para a publicação e expansão de seus livros.

Torna-se então digno de registo este facto:

Sempre que se referem á intellectualidade paraense vêm á baila, como chapas sedigas, apenas o nome de Tenreiro Aranha e, não raro, o de Bruno Seabra, como se fossem estes os dois unicos representantentes das nossas lettras...

Quantos, todavia, sem desmerecer dos meritos destes dois, o Pará possui, que lhes são superiores em estro poetico, e por outros predicados de seu espirito esclarecido e culto!

Arcando contra esse esquecimento lamentavel, que nos relega ao nivel dos apedeutas, dos povos sem cultura intellectual nenhuma, é que publiquei a "Anthologia Amazonica", como um brado de revolta, e agora me abalanco a dizer algo do movimento litterario do Pará, desconhecido ou deslembrado até hoje, infelizmente, pelos nossos maximos escriptores e criticos.

Assumpto desconhecido, por mais deficientemente que elle seja exposto, terá necessariamente, o seu valor relativo, a darmos credito a estas sensatas palavras de Courier: "Qualquer producção de nosso espirito, uma vez que se póde tornar util, está por isso mesmo justificada".

O AUCTOR.





LITTERATURA PARAENSE

(*Synthese historica de seu movimento*)



CURTA a nossa historia litteraria, si bem que tenhamos representantes della desde o seculo XVIII, com o já citado Tenreiro Aranha (1769-1811) na *Introdução* deste livro, D. Romualdo Antonio de Seixas (1787-1860) e Felipe Patroni (1794-1865) nascidos nesse seculo e conseguindo alcançar o seculo XIX.

Foi, aliás, no seculo XVIII que o movimento litterario brasileiro, propriamente dito, começou tambem, pondo-se de parte, é claro, a litteratura dos tempos coloniaes, a qual ainda pertenceram os tres citados escriptores, e que obedecia ao impulso dos intellectuaes portuguezes, dos quaes recebia livros e imitava, quasi automaticamente, por mimetismo, as concepções archaicas, desde a celebre e citadissima "Prosopopéa", de Bento Teixeira, da primitiva Escola pernambucana do seculo XVI, até a prosa e o verso obsoletos das acade-

mias litterarias do Rio de Janeiro, cuja epidemia reflectiu no Brasil colonial, que tambem teve diversas, como a dos *Esquecidos*, na Bahia, e a *Litteraria*, no Rio de Janeiro (esta já no seculo XVIII, em 1780) tendo por seus fundadores, entre outros, Sebastião da Rocha Pitta e Basilio da Gama, respectivamente. (1)

O Pará, cuja capital foi fundada por Francisco Caldeira de Castello Branco, em janeiro de 1616, levou longo tempo cuidando do desbravamento de seu sólo, em lucta constante com o aborigene desconfiado e rebelde. E, se o seu estacionamento e decadencia eram devidos ao arrocho de governos antagonicos e á rude aspereza do clima equatorial, contribuiam poderosamente para o seu retardamento ethnologico, a influencia de factores varios de immigração, a convivencia e a união com o indio, o portuguez tarado e o negro imbecil.

Não havia, por outro lado, methodo fixo de cultura mental e, assim, sem disciplina de ensino regularisado, sem orientação segura, os primordios de sua formação foram deficientes e quasi nullos, atrazando-nos na marcha progressiva das lettras, como aliás vinha succedendo em todo o paiz, jungido aos caprichos dos senhores da metropole que, em troca do ouro e dos productos naturaes, como o anil, o cacau, a salsa, o arroz, a baunilha, etc., que recebiam a grosso, só nos enviavam a barregan, o criminoso e o africano.

Os primeiros institutos de ensino no Pará, não se póde negar, foram obra dos religiosos car-

(1) Coelho Netto, *Comp. de Litt. Bras.*, pags. 68-69.

Joaquim Leitão, "Do Civismo e da Arte no Brasil", pgs. 269-270.

melitas, mercenarios e jesuitas, isto é, dos frades missionarios, que, em troca tambem do ouro que remetiam para o Reino e dos serviços valiosos, industriaes, domesticos e de caça, que lhe prestavam os aborigenes, ensinavam ás crianças, em collegios que fundavam, a leitura, a escripta e as quatro operações d'arithmeticas.

A capitania começou então a ampliar-se, o commercio desenvolve-se e a metropole concede-lhe os fóros de séde do governo do Maranhão e Pará, em 1754.

Data de 1799 o regulamento do ensino publico no Pará, passando Belem a ter duas escolas publicas primarias, sendo mais treze creadas no interior, em virtude do Aviso de 15 de abril desse anno, do benemerito governador Francisco de Sousa Coutinho, a quem o Pará deve tambem a fundação do Deposito de Polvora do Aurá.

Dahi começa o nosso desenvolvimento intellectual incipiente.

Leiamos o que a respeito escreveu Arthur Vianna, tratando de Tenreiro Aranha:

“Transferido o governo civil de São Luiz para Belem, subiu o Pará de categoria e de importancia, congregando na sua capital os lettrados e os doutos.

Ainda assim, privados dos recursos de uma typographia, sem possibilidade de transmittir aos posterios os seus trabalhos, os litteratos só appareceram raramente, de envolta com as correspondencias, alvarás, cartas régias e outros manuscritos dos nossos archivos, em produções offerecidas aos governadores e aos monarchas. (1)

(1) Neste ponto eram os poetas de uma subserviencia atroz, pela baixaza a que faziam descer o genio, subindo pela louva-

No ultimo vintenio deste seculo surge o vulto que concretisa uma notavel saliencia na nossa litteratura colonial: BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA.”

E, abundando nos mesmos dados biographicos registados na minha “Anthologia”, Arthur Vianna continúa:

“Nascido em Barcellos, antiga cabeça de capitania do Rio Negro, em 4 de setembro de 1769, veio a fallecer em 25 de novembro de 1811, aos 42 annos de idade. Sua vida é já de si um romance, agitado e empolgante, e a historia de suas obras não menos curiosa.

Guardava seu filho João Baptista de Figueiredo T. Aranha, com todo o cuidado os seus trabalhos, que tencionava publicar em volume, quando a sua casa, sita ao largo da Memoria, foi varejada pelos *cabanos*, em 1835, e no anno seguinte invadida por soldados do governo.

Os vandalos destruíram então a parte, quiçá, mais preciosa do espolio litterario do morto.

O filho, porém, reuniu os destroços em um volume que publicou no Pará, em 1850, sob o titulo “Obras Litterarias de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.”

Do merito de nosso primeiro poeta não ha que duvidar: fórma antiga, de accôrdo com a epocha, bom metro e bella inspiração, recommendam as suas producções, especialmente os seus sonetos.

Se outros poetas paraenses houve, contempo-

minha humilhante até o throno dos reis... Fructos da epocha, essas offerendas ridiculas, que eram louvadas e bem recebidas por todos, mas cujo gesto hoje revolta a espiritos emancipados e liberaes.—(Nota do auctor).

ranços de Tenreiro Aranha, apagaram-nos as condições do meio em que viveram.” (*Apreciações sobre a “Anthologia Amazonica”, vide este livro, pags. 336-337*).

Tenreiro Aranha alliava ás qualidades de poeta, as de prosador e tribuno, sendo uma prova deste asserto o *Breve Discurso* inserto no volume posthumo de suas obras, e que é um modelo de estilo classico apreciavel.

A meio do percurso de sua vida, chegam até nós os echos clangorosos da revolução franceza de 1789; e as idéas emancipadoras que antes haviam começado a viçar no coração dos povos americanos, com a nova que nos dera o Congresso de Philadelphia do resgate das colonias inglezas, por Washington, a 4 de julho de 1776,—explóde no Brasil, apparecendo em Minas os mal succedidos heróes da Inconfidencia. (4)

Mas a idéa libertadora do jugo da metropole alastra-se no paiz, transpondo o seculo XVIII.

Surge, então, no Pará, a figura sympathica de FELIPPE PATRONI, que em pleno vigor dos annos se constitue o principal propagandista e defensor de nossa independencia politica.

Havia rebentado a revolução de 24 de agosto de 1800, no Porto, para a convocação de Côrtes consttuintes, com o fito de dar á Nação uma Carta Constitucional.

O Pará adherira ao movimento, ao nuto de Patroni, que foi um dos emissarios escolhidos para ir á Lisboa presentear a Regencia com a adhesão

(4) Vide João Ribeiro, “Hist. do Brasil), pag. 231.

Idem, Joaquim Leitão, “Do Civ. e da Arte no Brasil”, pags. 279.

dos paraenses ás Côrtes portuguezas, mas foi infeliz na sua patriotica missão...

São da “Anthologia Amazonica” estes periodos elucidativos:

“Genio ardente, patriota inflammado e audaz, desde então começou a bater-se pela independencia de sua Patria, pronunciando, no dia 22 de novembro de 1821, dentro do proprio palacio das Côrtes portuguezas, no Reino, onde tivéra accesso, um violento discurso, verberando injustiças, condemnando desmandos, pugnando pelos nossos direitos de brasileiros e paraenses.

Voltando ao Pará continuou com ardor a campanha começada, dirigindo circulares aos paraenses, fundando “O Paraense”,—o primeiro jornal que se publicou no Pará, e do qual era tambem redactor José Baptista da Silva, dando o seu primeiro numero a 1.º de abril de 1822.

A typographia do “O Paraense” fôra adquirida, por compra, em Lisboa. (5)

Nos seus discursos de combate, nos seus artigos pelo “O Paraense”, lembrava sempre aos paraenses o exemplo dos revolucionarios pernambucanos de 1817, revolução começada com a morte do brigadeiro Manuel Barbosa de Castro, pelo deste-

(5) Patroni e o alferes Simões da Cunha reunidos a José Baptista da Silva compraram em Lisboa uma typographia e contractaram o typographo Daniel Garção, com quem Simões se fez de véla para o Pará.

Chegado ao Pará, Simões, que havia sido remunerado dos seus serviços com a nomeação de tenente-coronel, pôz a typographia á disposição do coronel Villaga, trabalhando portanto sob a direcção portugueza.

Em janeiro de 1822, Patroni desembarcou em Belem com José Baptista da Silva, e tratou de resgatar a typographia das mãos dos seus adversarios.”

(Pags. 53, do “Ens. de Lit. do dr. Corrêa de Freitas).

mido capitão do exercito José de Barros Lima, e que foi a mecha do rastilho que fez o incendio da revolta nas outras provincias, trazendo para o Brasil os primeiros clarões roseos de nossa independencia com o grito do Ypiranga.

Os seus artigos eram tão violentos, que os dominadores da então provincia uzaram de todos os meios e artificios para emmudecer a sua linguagem de pamphletario, extinguindo o jornal, só o conseguindo (depois de tentativas frustradas de empastellamento e incendio) com a prisão de Patroni, que foi conduzido para o forte do Castello, por ordem do corregedor, em 25 de maio de 1822.

Do forte do Castello enviaram-no após, preso, para Lisboa, sendo alli recolhido na fortaleza de S. Julião.

Mezes depois, em fins de 1822, tendo sido perdoado por D. João VI, obteve a liberdade, indo concluir os seus estudos e recebendo o diploma de bacharel em direito civil e canonico na Universidade de Coimbra.

Paraense illustre, orador fluente, jornalista de acção e poeta de bom estro, Patroni occupou, depois de formado, varios cargos publicos no Pará; foi deputado provincial e teve a gloria de ouvir, de longe, embora, preso em São Julião, mas alegre e delirando de amôr patrio, os echos festivos e vibrantes da independencia da Patria, pela qual, com heroismo, se batera."

Deixou, ineditos e publicados, varios livros, entre os quaes uma *Cartilha Imperial*, onde a firmeza do plectro avulta, nomeadamente nas oitavas de sua "Ode aos paraenses", nella inserta.

A intelligencia de Patroni, todavia, atormentada pelos dissabores e constantes azares da sorte,

ella que fôra culta e brilhante, acabou por desequilibrar-se, toldando-lhe as idéas a demencia.

E assim se extinguiu “o ardoroso propagandista da nossa emancipação politica”, o nosso segundo poeta em antiguidade e o fundador da imprensa do Pará, tendo sido sepultado em Lisboa, para onde novamente fôra, em 1862-1868, pouco mais ou menos.

Contemporaneo desses dois poetas paraenses foi DOM ROMUALDO ANTONIO DE SEIXAS, politico, educacionista, litterato, patriota e grande orador sacro que, tendo nascido em Cametá a 7 de fevereiro de 1787, veiu a fallecer a 29 de dezembro de 1860.

Sacerdote dos mais exemplares, chegou pelo seu saber e virtudes ao elevado posto de arcebispo da Bahia, metropolitano e primaz do Brasil.

Orador dos mais inspirados, as tribunas sagrada e parlamentar foram enriquecidas com os seus sermões e discursos, pronunciados com fé e devoção, patriotismo e arroubamento de linguagem.

Prosador scintillante, honrou as lettras com escriptos litterarios, esparsos em jornaes, productos selectos de seu espirito.

Educacionista de merecimento, occupou como tal as cadeiras de latin, philosophia e rhetorica, em 1806, aos 19 annos de idade, no Seminario Episcopal do Pará, alli deixando traços inapagaveis de sua competencia, como lente abalisado dessas materias.

O governo conferiu-lhe o titulo de Marquez de Santa Cruz, tendo sido fundado no Pará um estabelecimento de instrucção primaria e secundaria com esse titulo,—o “Collegio Marquez de San-

ta Cruz”, da direcção do professor Herculano Vieira, infelizmente hoje extincto.

O dr. Freitas, um dos maiores vultos da instrução publica do Pará, assim o enalteceu:

“D. Romualdo manejava com tanta habilidade a linguagem da tribuna sagrada, como a da tribuna profana. Os seus triumphos no pulpito foram tão notaveis como os seus triumphos no parlamento e nas associações litterarias.

Tão rico de excellentes dotes foi, em toda a sua vida, o typo da humanidade e da modestia. Obteve grandes honras sem procural-as. Deputado Geral e Provincial, Ministro nomeado, Arcebispo, membro de diversas sociedades scientificas e litterarias, titulos, condecorações, etc., tudo elle obteve pelo seu merecimento.”

Com Tenreiro Aranha, D. Romualdo e Felippe Patroni desapareceu a tradição classica no Pará, vencida mais tarde pelo romantismo.

Se os padres missionarios da companhia de Jesus, Anchieta e Nobrega á frente, foram os Orpheu, Eumolpe, Thamyris e Demoducus do Brasil primitivo, os aedos do Pará foram elles—Aranha, D. Romualdo e Patroni—, os nossos árcades.

E se outros escriptores tivemos, até a extincção do culteranismo, os seus escriptos perderam-se, com ácima ficou dito, pelas columnas dos arremedos de jornaes litterarios da época, como ainda o era, em 1857, “O Adejo Litterario”, cujo formato ridiculo tinha as dimensões de uma folha de papel de carta “Diplomata”, e onde collaboravam Philocreão, Sussuarana, Sergio Damasceno, “o maniaco”, e outros poetas de igual mediocridade e estalão.

O modo de dizer dos elmanistas e felintistas tendo, pois, desaparecido, garroteado pela novidade que de França nos havia trazido Domingos de Magalhães, com os seus "Suspiros poeticos", o Brasil entrou com vontade em plena phase pathetica, arvorando o pendão do romantismo.

Essa transição litteraria deu-se aos albores de nossa independencia politica; o Brasil acolheu com enthusiasmo e carinho a nova escola, chegando mesmo a possuir della verdadeiras notabilidades.

O romantismo desdobrou-se em varios ramos, sobresahindo, no Brasil, nos seus primordios, um grupo de poetas bem intencionados, que pretendiam crear uma litteratura *nossa*, sem macaqueações, typicamente nacional.

Foram elles os heróes do *indianismo*, Gonçalves Dias na vanguarda, seguido por Magalhães e Porto Alegre, que tiveram em breve tempo de ceder o campo ás novas correntes, depondo a bandeira que com garbo e coragem haviam levantado.

A *Confederação dos Tamoyos*, de Magalhães; *A Iracema*, o *Ubirajára* e *O Guarany*, de Alencar; *O Caramuru*, de Santa Rita Durão—o fundador da poesia brasileira, na opinião de José Maria da Costa e Silva; *Os Tymbiras* e o *Y-juca-Pyrama*, de Gonçalves Dias; *O Colombo*, de Porto Alegre; *O Evangelho nas Selvas*, de Fagundes Varella, e dois ou tres mais, são exemplos dessa escola extincta, á falta de alento e resistencia, e que, no Pará, teve adeptos, por diletтанismo.

O mais fervoroso dentre elles, no Pará, foi VILHENA ALVES, nas suas *Monodias*, publicadas em 1868, cuja primeira parte — Americanas — é quasi toda composta de poesias *indianistas*, como

as que intitulou *O canto do indio, Canto do pagé, O tamoyo, Grito de guerra, A visão do indio, Nenia do Tupirambá* e outras.

SEVERIANO BEZERRA DE ALBUQUERQUE, também terçou armas pelo *indianismo*, na sua *Lyra das Selvas*, publicada em 1868; porém, como Villena Alves, inclinou-se mais tarde para o grupo dos *sertanistas* que, em seguida, surgiu no Norte. O seu livro de estréa, acima citado, se bem que traga moldes da poesia *indianista*, como *O indio e a rola, A nympa e o igarapé*, etc., é já um producto evidente e positivo da musa sertaneja.

Como amadores do poetar dos *indianistas* poderemos ainda citar FERNANDES BELLO, THEODORO RODRIGUES e ACRISIO MOTTA, deixando este ultimo, duas formosas amostras dessa escola, nas poesias *A Yára* e *A volta*, das quaes, a primeira, pôde ser considerada uma joia litteraria e que, por isso, a transcrevi na minha Anthologia.

Entre esses escriptores não deve ficar esquecido o nome de um distincto poeta e romancista portuguez que, ao contrario de Mendes Leal e Pinheiro Chagas, que nunca vieram ao Brasil, tendo vindo joven para o nosso paiz aqui passou, em terras paraenses, parte de sua laboriosa existencia, observando e estudando os nossos costumes, acostumando-se aos nossos hábitos e que, abraçando a escola litteraria em voga, della deixou tres obras que não devem ser esquecidas por nós, sempre que se tratar deste assumpto.

José Verissimo, deslembrando-se sempre dos intellectuaes paraenses, não quiz também se aperceber delle na sua "Historia da Litteratura Brasileira", quando cita os nomes de Mendes Leal e Pinheiro Chagas, a paginas 295: "portuguezes

que se metteram a fazer com o "O Calabar" (1863) "Os Bandeirantes" (1867) e "A Virgem Guaracicaba" (1868) litteratura nacional brasileira."

Esse homem que, com maioria da razão, devia ter sido citado pelo illustre historiador paraense, chamou-se FRANCISCO GOMES DE AMORIM, e conseguiu até certa notoriedade, pela protecção que lhe dispensou o visconde de Almeida Garrett, chamando o para Portugal e alli polindo-lhe o espirito.

GOMES DE AMORIM, conhecendo a nossa vida sertaneja como poucos, habituado a convivencia com a gente de nossos sertões, deixou reminiscencias de sua passagem pela Amazonia no seu drama em 5 actos "Cedro Vermelho" e nos seus romances "Os selvagens" e "Odio de raça", adaptados ao mesmo estylo *indianista* dos livros de Alencar.

No *Prefacio*, com que abre o seu drama, assim fala:

"O auctor deste drama sahia apenas da infancia, quando o destino o levou ás praias que banha o Amazonas. Por lá viveu nove annos, ora embalado pelas ondas do gigante dos rios e dos seus lagos e tributarios, ora attrahido e encantado pela grande voz das florestas.

De volta á patria, não perdeu a memoria do formoso paiz onde passára a idade juvenil; a distancia que diminue as proporções das cousas, foi impotente com elle, porque o seu pensamento lhe traz sempre presentes, revestindo-se de formas ainda mais grandiosas, todas as bellezas que viu além Oceano.

O "Cedro Vermelho" aspira tambem a demonstração destas verdades e sentimentos. Não o dá o auctor como estudo acabado de costumes; é apenas uma quadro imperfeito, composto com recordações da sua mocidade... Mas, que palheta acharia as tintas proprias e que pincel seria capaz e assás feliz para reproduzir, colorido com verdade, um painel daquella terra de prodigios?!..".

“Cedro Vermelho” foi escripto em 1856 e levado á scena nesse mesmo anno, em Lisboa, no theatro D. Maria II, a 8 de maio; mas só em 1874 foi que appareceu em volume, nas livrarias portuguezas e brasileiras.

“Os selvagens” foram editados em 1875.

Ambas estas obras são dignas de leitura pela côr local e belleza dos scenarios, rigorosamente regionaes, e pela naturalidade encantadora das phrases que o auctor emprestou aos dialogos com o indio Lourenço, no “Cedro Vermelho”, por exemplo, suggestivos e empolgantes.

Appenso a estas obras (no “Cedro Vermelho”, occupa todo o 2º volume e é um manancial precioso para os estudiosos) vem um bem cuidado dictionario elucidativo das phrases e vocabulos em tupy-guarany, empregados nas mesmas obras, com a sua significação em portuguez.

Gomes de Amorim falava com sincero amor e entusiasmo de nossas cousas, era poeta, romanista e dramaturgo de merito, deixando uma bagagem litteraria avultada.

Leiamos alguma cousa, em prosa e verso, pertencente a escola *indianista*:

SCENA XIII

LOURENÇO, DEPOIS BRAZ

LOURENÇO

A folha da jatuaiba tem cahido seis vezes no lago, e descido com as correntes para o grande rio, depois que eu deixei de vêr as cachoeiras do Xingú e a taba juruna. Os fructos do tucuman e do inajáseiro amadurecem e caem; rebentam os novos cachos, que tornam a despir-se, e o guerreiro, que deixou o paiz onde nasceu, fica sempre á beira do lago dos tapuios! O sol e a lua

vogam silenciosos na sua canôa de nuvens e de anil, procurando através dos arvoredos as terras fertes, onde as antas cortam com os pés as barreiras dos rios... e o "Cedro Vermelho" não vae com elles vêr o Bracelete de Ferro e o Peito de Tiépiranga! Meu pae! minha mãe! O branco é um chefe que tem coração e... *Voz de Caraxué* salvou teu filho da doença! Oh! Peito de Tiépiranga, filha dos mundurucús, se visses *Voz de Caraxué* quererias servil-a como escrava!

Os seus olhos eram mais brilhantes do que as azas do guanumby, que os brancos chamam beija-flôr; as suas mãos, finas e lustrosas como as folhas do guarumá, eram mais brancas do que as pennas da uratinga e perfumadas como a flôr da jabotipita!

E a sua voz tão dôce como favos de mel creados no pau-d'arco parecia o canto do caraxué da varzea, ou o gemido da rola quando lhe roubam o companheiro!

Mas... como a arvore da copahyba, quando lhe tiram o oleo, inclina sobre o tronco os ramos desfallecidos e as folhas sem vida, assim *Voz de Caraxué* adormeceu para não mais accordar!...

... ..
(*Cedro Velho*, 1º acto, pag. 55).

O CANTO DO INDIO

Nasci nestas selvas, do vento aos zunidos,
ouvindo os rugidos da onça feroz;
sou livre, sou forte, nas guerras potente,
pois sou descendente de illustres avós!

Nasci nestas selvas. Meu pae, que era um bravo,
jamais como escravo curvára a cerviz,
ao jugo infamante, que traz a desgraça...
pois fôra da raça dos nobres Tupys!

Aqui, nestas mattas, eu vago impassivel,
qual onça invencivel de gesto feroz;
e firo mil presas, nada ha que me escape!
com o forte tacápe, com a setta veloz!

Dormindo nas selvas, da noite ao relento,
e ouvindo do vento bramido cruel,
só tendo por tecto virentes palmeiras,
formando altaneiras risonho painel...

aqui não conheço senhor, soberano,
que curve, tyranno, minha alta cerviz!
Sou livre, sou forte, nas guerras potente,
pois sou descendente dos nobres Tupys!

Tupan tão somente por Deus adoramos
e a Elle rogamos, por tudo que ha,
que livre seus filhos da coléra horrivel,
do odio temivel do féro Anhangá!

E se ousa essa gente da raça *imboaba*
pisar nossa taba com más intenções...
pesadas algemas querendo lançar-nos
e assim deslustrar-nos mui nobres accões...

dos meus na vanguarda me pósto sem medo,
qual vivo rochedo, terrivel, fatal!
E as settas já levam hervadas de morte
á extranha cohorte destroço mortal!

Aqui nestas mattas sou livre, sou bravo,
nem nunca de escravo terei o grilhão;
pois antes que eu veja cadeia cingida
nos pulsos,—sem vida meu peito verão!

(“Monodias”, Vilhena Alves, 1868).

A FESTA DO CAUIM

(NA TABA DOS TUPYS)

No espaço o maracá selvagem chocalhando,
No terreiro da taba em circulo formada,

A cabilda feroz, em festas, vae cantando
Os feitos geniaes da prole ante-passada.

A um canto, triste e só, aquella scena olhando,
Co'a forte "mussurana" ao poste acorrentada,
A victima infeliz sente que vae chegando
O momento fatal de ser sacrificada.

E no auge do festim avança—hora suprema!
Enraivecido, o algoz, vibrando a tangapema,
Tomba a victima... o sangue, em jorros, espadana.

E n'aquelle furor os membros espedaçam...
Deitando-os no "bucan" as velhas ,esfumaçam,
E a rir vão banquetear-se em rubra carne humana.

Theodoro Rodrigues.



Cedo, porém, os poetas e romancistas do Norte abandonaram os velhos amôres, enamorados de uma nova escola, como acima já se disse,—a *sertaneja*.

Dessa phase assim nos falam Olavo Bilac e Guimarães Passos, após se terem espraído sobre o *indianismo*:

"Logo depois, surge, no Norte, uma brilhante pleiade de poetas, fundadores de uma escola *sertaneja*. Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, Trajano Galvão, Bruno Seabra, Juvenal Galeno, foram poetas verdadeiramente nacionaes, cultivando o genero bucolico e campesino, e celebrando, com sentimento e graça, o encanto original da vida sertaneja do norte do Brasil". (1º)

Entre nós, paraenses, a escola *sertaneja* foi

(1º)—"A poesia no Brasil", *Tratado de Metrificação*, pags. 27 e 28.

fructuosa; della tivemos cultores apaixonados, que deixaram livros magnificos, cujas paginas distillam o perfume suave e delicioso de nossas matas e possuem o sabor e as modalidades da vida paraense do sertão.

VILHENA ALVES, nas "Monodias" e nos "Enlevos poeticos"; SEVERIANO BEZERRA DE ALBUQUERQUE, no seu já citado livro "Lyra das Selvas"; JUVENAL TAVARES, nos "Pyrilampos", nas "Paraenses", nos "Versos antigos e modernos", na "Viola de Joanna", versos; na "A vida na roça", prosa; BRUNO SEABRA, no "Flores e Fructos"; SOUSA FILHO, nas suas poesias e o proprio sr. JOSE' VERISSIMO, nas "Scenas da vida amazonica", com tendencias naturalistas, foram sertanistas suggestivos e de destaque.

JUVENAL TAVARES, o maioral do grupo (provam-n'os seus livros) assim se confessava:

Nasci nesta zona ardente,
tive meu berço innocente
nas margens do Tocantins;
os favonios m'embalaram
as aves me acalentaram
nos seus eternos festins.

Eu criei-me nas florestas,
lá onde paixões funestas
não medram no coração...

Todos os seus livros são profundamente regionaes, typicamente *nossos*.

Duas notas de valor para a critica encontronelle o dr. Barroso Rebello, e, com razão, as cita.

no bello prefacio que escreveu para os “Versos antigos e modernos”:

“São estas: a natureza do lyrismo de Tavares, resultante de seu temperamento e o *paraensis*mo de sua *maneira*, exhibido nas composições mais características.”

Mais adeante escreve o critico:

“Luiz Tavares é um *roceiro*; a infancia e a adolescencia passou-as no sertão. As suas melhores poesias escreveu-as no *interior*, onde levava vida simples, em plena liberdade, no seio de uma natureza rica de perspectivas alegres...”

Em prosa, o seu livro mais caracteristico é “A vida na roça”, um feixe de contos e episodios sertanejos onde a *vis* humoristica do escriptor se revela em toda plenitude. *A Ladainha, O pagode, Um bofetão*, são episodios facetos, naturaes do sertão, impregnados de muito espirito e sal attico.

BEZERRA DE ALBUQUERQUE cultivando o *indianismo*, passou depois a ser *sertanista* ardoroso, como foi tambem grammatico de muita competencia, ao lado de Vilhena Alves, Pinto Marques, Americo Santa Rosa, Severino Pampolha, Herculano Vieira e outros maximos pontifices da lingua portugueza entre nós.

Deixou vasto cabedal de conhecimentos scientificos, compendios e estudos de geographia geral, de cartographia, de archeologia pre-historica, de chronologia, de algebra, de historia universal, e um dictionario hebraico e uma grammatica portugueza (estudo completo) importantissima.

No “Lyra das Selvas” merecem especial leitura as poesias *sertanejas* intituladas *O beija-flor e a borboleta, O sertão, A tapuia, O assahy, O canoero, Jutahy, Curumim* e muitas outras.

Para finalizar este capítulo leiamos alguns trechos de prosa, e versos da escola sertaneja:

A TAPUIA

—Formosa tapuia, que fazes perdida,
nas mattas sombrias de agreste sertão?
As mattas são tristes, são feias, são frias
não temes, tão moça, morrer de sezão?

—Não temo, *cariua*, nas mattas nasci...
Se dellas nos gostas, não fiques aqui...

—As mattas são próprias somente p'ras fêras
eu pego, devêras, que saias d'aquí...
Eu tenho dinheiros, escravos, engenho...
riquezas eu tenho, tudo isso p'ra ti...

—Não quero, *cariua*, não tenho ambição,
de nada preciso no agreste sertão.

—E's simples, tapuia, não percas fortuna,
eu tenho uma escuna de vélas de linho...
vem já para o porto
tomar um conforto:
tres latas de doces e um copo de vinho...

—Não quero, *cariua*, que a pobre tapuia
não bébe no copo, só bebe na cuiá.

—Se fôres commigo p'ra minha cidade,
serás, tapuinha, de certo feliz:
vestidos de sêda, botinas de couro,
adereço de ouro não são coisas vis!

—Não quero, *cariua*, teus ouros são falsos...
meus pés não se estragam andando descalços.

—Mas, antes, tu queres vestir uma sãia de fina cambraia, com lindo balão? Tapuia dengosa, teu corpo é bem feito, mas fica mal feito vestindo algodão...

—Que branco teimoso. Nós, pobres roceiras, fazemos serviço com saias grosseiras...

E' pena, tapuia; não digo mais nada, não fiques zangada, não tenhas maldade; preferes trabalhos nas mattas, na roça, podendo, tão moça, viver na cidade!...

—Não quero, *cariua*, aonde se nasce, Deus manda que a vida com gosto se pas

—Não sabes que os mattos estragam a saude... serviços tão rudes não quero passar. Vou prestes p'ra bordo, de lá p'ra cidade... por tua bondade, me dá que fumar!

—Espera, *cariua*, costume assim é: se dar o cachimbo, depois o café...

—Que bellas coisinhas me estás off'recendo, que rede macia, que bello assahy! que peixe gostoso, gostosa farinha... pois estes petiscos são todos d'aqui?

—Duvidas, *cariua*? E' muito ignorar... quem déra que tudo podesses gosar!...

—Não é desairoso ao homem que é probro qual seja o trabalho, qual seja o logar... Eu vendo a canôa, eu compro uma roça e como inda és moça podemos casar...

—Depressa, *cariua*, mudaste a tenção:
já queres trabalhos do agreste sertão?!...

(Bezerra de Albuquerque, “Lyra nas Selvas”,
1868).

UM BONITO BOFETÃO

Manoel, um elegante mestiço em quem era difficil distinguir-se o caboclo ou mulato, podendo entretanto ser ambas as coisas, estava em cima das pachiuvas do tendal da barraca de seus paes, deitado de ventre para cima, a contemplar descuidosamente umas nuvens esbranquiçadas, que, ligeiras, corriam no firmamento sereno, como espumas de sabão em ondas aniladas.

O sol já havia desaparecido por detraz das mattas seculares que rodeavam a barraca; mas uma fita vermelha de arrebol vespertino escarlatizava as cabeças dos meriteiros mais elevados, que, em longo renque, se apresentavam na margem opposta do pequeno rio.

As saracuras, em uma moita proxima, haviam soltado o seu canto de despedida ao dia:

—Kirikó, kirikó, kirikó, kó, kó, kó, kó, kirikó, kirikó, kirikó.

Manoel suspendeu a cabeça, olhou indolentemente para a sua espingarda encostada á parede de jupaty, voltou-se depois para o lado d'onde vinha o canto alegre das saracuras, inclinou novamente a cabeça sobre o girão de pachiuvas, contemplou as nuvensinhas a correrem no firmamento, murmurando:

—Não vale a pena... Estou farto de saracuras...

E concluiu esta phrase arremelando no mesmo diapação os gallinaceos:

—*Tres pótes, tres pótes, tres pótes, dois pucaros, dois pucaros, dois pucaros...*

Quando elle proferia o ultimo *tres potes*, um estoi-rar longinquo de bombas de foguete, arrematado por um forte tiro de *ronqueira*, veio despertar o feliz roceiro.

Levantou-se pressuroso e, indicando com o dêdo um ponto do horizonte, disse:

—E' lá... é na casa do capitão Fabricio que o *Divino* vae pernoitar hoje.

E enfiando a sua calça branca, reservada só para os "pagodes" e mettendo-se numa camisa de chita escarlate, lá foi o Manoel, rio abaixo, impellido por um grande remo de itaúba, dentro de uma pequena montaria.

A cada remada que dava, a montaria deslizava como um reptil e a sua voz vibrante e maviosa ouvia-se em echos successivos, repercutindo ao longe:

*Não tenho medo da onça
nem das pintas que ella tem;
tenho medo da mulata
quando chega a querer bem.*

Ora, exactamente, a Joanna era uma bella mulatinha que o queria muito, mas muito, a ponto de não poder passar um dia sem o vêr. E, nessa tarde, tendo-o esperado até ás nove horas da noite e, afinal, tendo desesperado, ouviu tambem uns foguetes a estalarem, tiros de *ronqueira* e a caixa do *Divino* a quebrar o silencio da noite:

Tum, tum, tum...

Saltou ao terreiro, botou o dêdo indicador na testa e murmurou:

—E' lá que elle está!

E Joanna metteu-se na canoinha "Ariramba", manejando um remo de *pitahica*, porém não com a sua camisola de chita e saia de maparahy: ia disfarçada, em trajes masculinos, com a calça e camisa do irmão...

Quando chegou á casa da festa, o baile já estava ferendo grosso.

Joanna, em vez de procurar metter-se na "contradança", foi fazer troça com os rapazes no terreiro.

Gargalhadas e chalaças rompiam de todos os lados.

Uns achavam galantinho aquelle moleque por ser baixinho.

Outros notavam que aquellas nadegas, tão proeminentes, não eram de homem.

Este, mais atrevido, queria conchegal-a ao peito a fim de verificar... se...

Mas Joanna esquivava-se a tudo, pizando duro, sacotcando como um rapaz travesso, cahindo-lhe sobre os hombros o cabello curto e encaracolado, e trazendo atravessado na bocca um enorme cigarro de tauary.

E' neste momento que ella dá de cara com o Manoel que, cynicamente enlaçando uma gordanchuda roceirinha, lhe diz:

—*Me empresta uma fumaça, cabôco.*

—Toma! disse-lhe Joanna, e applicou-lhe nas bochechas uma tão forte bofetada, que estrondou até á cozinha.

O pobre rapaz, vendo scintillarem deante de seus olhos mais estrellas do que havia no céu, tirára da faca que levava á cinta e quando vae ferir o seu desconhecido aggressor, este, com mão possante, o subjuga ao chão e lhe murmura no ouvido:

—Esperei-te hoje até ás 9 horas da noite!...

Momentos depois, mansamente descahindo ao som da maré, fluctuava uma pequena montaria nas aguas tranquillias do igarapé, conduzindo dois jovens matutos, affagando-se como duas rôlas, nos extasis inebriantes de namorados felizes.

Ao longe, quebrando o silencio da noite, ainda o éco repetia:

*Não tenho mêdo da onça,
Nem das pintas que ella tem;
Tenho mêdo da mulata
Quando chega a querer bem.*

(Juvenal Tavares, "A vida na roça", 1890).



JULIO CESAR RIBEIRO DE SOUSA, outro illustre poeta paraense, e CARLOS HYPPOLITO DE SANTA HE-

LENA MAGNO, seu digno par, embora contemporaneos dos *sertanistas* regionaes, beberam em outras fontes a inspiração de suas estrophes. A sua musa divina está impregnada do lyrismo dôce e emotivo e do patriotismo alcandorado de Casemiro de Abreu.

O primeiro, que tambem foi grammatico de merecimento, possuindo mesmô uma "*Grammatica Portugueza*", para as escolas primarias, adoptada e premiada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica da provincia do Pará, e publicada em 1782, foi poeta, soldado e homem de sciencia, inventando, como aeronauta, um apparelho de navegação aérea, o balão "*Victoria*", colhendo os mais positivos resultados, nas suas experiencias em Paris, como o affirmaram sabios, e esta declaração confirma:

"Les soussignés déclarent avoir vu dans les "expériences du mardi, 8 novembre 1881, le ballon dirigéable le *Victoria* (de dix mètres de longueur) avancer contre le vent sans aucun effort et sans le secours d'aucun propulseur. *Ch. Deck, U. Vieillard, A. Reynaud, E. Goudron, A. Rouillet, H. Lechambre.*"

Suas poesias agradam sempre pelo colorido local, pela grandeza das imagens, pela elevação de seu estro, pelo lyrismo encantador de seu poeta que o tornaram o primeiro poeta da Amazonia.

Julio Cesar escreveu poemas, que publicou incompletos, no estylo camoneano, poesias épicas de largo surto, sonetos preciosos pela belleza da metrica e da concepção, sendo tambem um satyrico temivel e perigoso, como são exemplos o poemeto em oitavas "*A Bigodeida*", e um folheto

onde enfeixou 51 sonetos causticantes sob o titulo de "Azevedeidas", zurzindo um politico de seu tempo.

Em 1911, o dr. Cesar Coutinho de Oliveira, admirador sincero do poeta, prestou-lhe uma merecida homenagem mandando editar um volume de "Poesias", seleccionadas entre as esparsas do illustre paraense e algumas de seu primeiro livro, as "Pyraustas", com dados biographicos completos sobre a sua vida.

Foi um gésto de patriotismo e amizade, digno de applausos, por incommum e raro, prometendo-nos um segundo volume com a totalidade das suas poesias publicadas em jornaes, avulsos, na "Revista Brasileira", etc., formando assim dois volumes das "Obras completas de Julio Cesar."

SANTA HELENA MAGNO foi, depois de Julio Cesar, a maior cerebração poetica de seu tempo, conquistando entre nós, paraenses, e no Recife, onde se formou bacharel em direito, invejavel renome.

Ainda hoje é citado com orgulho nas nossas rodas litterarias, existindo até bem pouco em Belém, uma associação de lettras com o seu nome saudoso.

Em 1869 publicou o seu primeiro livro de poesias a que deu o titulo de "Harpejos poeticos", e onde enfeixou as flores de sua alma de moço, os seus sonhos, as suas illusões, deixando esparsas joias litterarias preciosas, esquecidas hoje.

Todos estes homens, se as edições de seus livros não fossem tão pequenas, e não ficassem adstrictas á leitura provinciana; se as condições do tempo em que floresceram e do meio em que

viveram fossem outras, que não as de uma humilde capital do Norte, desprezada pelos governos de então; se elles tivessem nascido, ou ido viver no Rio, ao lado dos Mello Moraes Filho, Sylvio Romero e Araripe Junior, como succedeu com Inglez de Sousa e José Verissimo, os seus nomes seriam hoje citados e figurariam com mais vantagem, e por direito de conquista, á frente de muitos que lhes são inferiores e ahi andam apontados, como notabilidades, nos livros de selecção, de critica e de litteratura nacional...

Convém notar que já por esse tempo influenciava nas rodas litterarias de São Paulo, e dentro da Academia de Direito, o genio assombroso de Alvares de Azevedo, misto das harmonias de Lamartine, da melancolia de Musset e do satanismo de Byron.

De São Paulo, o seu genio irradiou pelas outras provincias, arrastando com a "Noite na taverna", o "Macario" e o veneno romantico de seus versos, muitos talentos de escól que, procurando imitar os surtos e as loucuras do poeta, resvalaram cêdo para o tumulto, como elle proprio, pela ladeira do scepticismo, "queimando o talento nas chammas dos *punchs* orgiasticos."

Annos depois essa influencia ainda perdurava no Pará, sendo della victimas alguns contemporaneos do auctor destas linhas, que foi o unico que conseguiu escapar do turbilhão, tenebroso e attrahente, onde tambem se envolveu, e que levou de roldão um punhado de brilhantes intellectuaes, bohemios do espirito: Frederico Rhossard, João Nilson, Natividade Lima, Leopoldo Sousa, João de Deus do Rego, Guilherme de Miranda, Medeiros Lima...

Depois da escola *sertaneja* appareceram no Brasil, successivamente, o *condoreirismo* de Castro Alves, reflexos da poesia hugoana; o *scientificismo* de Martins Junior, com as "Visões de hoje" e os "Estilhaços"; o *parnasianismo* de Alberto de Oliveira, o *naturalismo* de Zola, o *realismo* de Junqueiro, e, por ultimo, o *symbolismo* de Cruz e Sousa e Lopes Filho, e o *evolucionismo*, arremedo da *renascença franceza* de nossos dias.

Os intellectuaes paraenses, affeitos á leitura simultanea desses novos systemas, sem orientação segura, borboletearam por todos elles, tornando-se eclecticos e, desde então, procurando sobresahir uns aos outros nas composições de prosa e verso que pela imprensa e em livros offereciam á avidéz do leitor.



Devemos, porém, abrir aqui um parenthesis, um pouco alongado, mas necessario, para a bôa marcha deste modesto trabalho.

Como evangelistas, das sciencias, das lettras, do jornalismo e da instrucção nortista o Pará se orgulha em apresentar um grupo á parte de homens illustres, que, em varias épocas, desde 1860, deram brilho e elevaram os nossos fóros de povo culto; foram elles: Francisco Martins Pinheiro, Domingos Antonio Rayol, barão de Guajará; Domingos S. Ferreira Penna, José da Gama Abreu, barão de Marajó; conselhei o Tito Franco de Almeida, D. Antonio de Macello Costa, Clementino José Lisboa, José Joaquim de Assis, Marcellino Barata, Amado de Campos, Domingos Olympio, José Galdino, Lauro Sodré, João Affonso do Nas-

cimento, José Verissimo, Inglez de Sousa, João Lucio de Azevedo, bem como os educacionistas, conego Domiciano Ferdigão Cardoso, Tito Vespasiano Fiock Romano, Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, Felipe Pinto Marques, Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, Hygino Amanajás, Augusto Ramos Pinheiro, Carlos Augusto de Novaes, Raymundo Bertoldo Nunes, coronel Marcos Nunes, e alguns mais, que nos legaram magnificos compendios de instrucção publica.

O "Diario de Belem", "O Liberal", "A Provincia do Pará", o "Diario de Noticias", o "Diario do Gram-Pará", a "Revista Amazonica" (1883) eram os campos de acção de muitos delles, onde graphavam seus conhecimentos politicos e philosophicos, scientificos e litterarios.

DOMINGOS RAYOL, além do seu monumental trabalho "Os motins politicos", em 5 grossos volumes, que enfeixam a historia dos principaes movimentos politicos do Pará, de 1831 a 1835, publicou ainda "O Brasil politico", "A abertura do Amazonas", "Limites do Brasil com a Goyana Franceza", "Juizo critico sobre as obras de Felipe Patroni", "Um capitulo da historia colonial do Pará durante o dominio hespanhol" e deixou trabalhos esparsos nesses jornaes e na "Revista Amazonica" (1883) e na "Revista" (1898) como a serie intitulada "Visões do crepusculo", inserta nesta ultima, escripta ainda com vigor de tintas, quando á porta já do sepulchro, aos oitenta annos de idade.

Desse benemerito paraense existe tambem um bem orientado prefacio, escripto em 1868 e publicado nas "Monodias", de Villena Alves, onde o seu patriotismo e amor ás letras indigenas é ma-

nifesto, lamentando que a politica tenha sido sempre um estorvo ao bom andamento de nossa litteratura.

Não me posso furtar ao desejo de enquadrar aqui, em tosca moldura, uma pagina brillante desse prefacio; são verdades puras:

“Entre nós ainda pouco se cuida de illustrar o espirito; o brilho do renome domina talvez menos do que o do ouro. Ha mais de 200 annos que vivemos e quaes são os homens que se têm enobrecido por trabalhos litterarios? Todas as provincias tem tido mais ou menos seus juriconsultos, seus publicistas, seus poetas. Mas o Pará, até hoje, que nome offerece, a par de Dirceu, Magalhães, Dias e outros?

A politica, a infernal politica, absorve tudo no imperio; é uma verdadeira esponja, que embebe todos os talentos.

Nesta carencia e abstenção de tudo quanto não é politica, neste vacuo em que vivemos, não póde deixar de ser saudada com jubilo a appareção de qualquer produção que tenha o cunho da nossa nacionalidade, e onde se vejam aproveitados os ricos thesouros que temos!

E, com effeito que fontes perennes encerra a Amazonia para a inspiração! Por toda a parte a natureza ostenta os admiraveis primores de suas galas! Aqui, as matas seculares com a verde roupagem de suas folhas, entremeadas das ramas escarlates do páo-d'arco com essas infindas parasitas, que abraçam e matizam as nossas arvores com lindos flocos de odoriferas flôres: alli, a rescendente baunilha e o humiri, perfumando a brisa e trescalando ao longe o seu doce aroma; acolá, os prados e as campinas com os seus outeiros e regatos, com as suas palmeiras e cantores; além os rios caudalosos a cujas praias arenosas vêm pousar milhares de aves aquaticas, debruçando-se sobre suas aguas grossas madeiras de cedro e angelim; mais além, as catadupas despenhando-se sobre rochas com horrivel estridor e parecendo arrastar até as proprias pedras na velocidade de sua corrente.

De noite, um claro céu de anil recamado de milhões de estrellas, como cyrios luzentes no altar do Senhor, divagando vagorosamente a lua pelo espaço, como um

anjo de saudade a vibrar as cordas sensíveis do coração.

Ao despontar a alva no horizonte, que hymnos de fervente amor ao Ser supremo, que encantos, que bellezas, que paysagens, que magia!...

E todavia, nada disto se aproveita; o espirito parece adormecido no leito da indiferença, no meio de tanta grandeza, e magnificencia!

Só de vez em quando um echo plangente parece despertar do silencio em que jaz esta natureza tão prodigiosa; só de vez em quando um Ribeiro de Sousa ou um Santa Helena Magno quebra esta mudez com um outro canto inspirado ao longe pela saudade ou pelo fogo sagrado do patriotismo, celebrando os festins do progresso na abertura do rio-mar!...

....."

Este benemerito paraense, cuja biographia é uma das mais illustres que conhecemos, falleceu na capital do Pará, a 27 de outubro de 1912.

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA, bispo do Pará (1861-1888) foi uma aguia da religião catholica, de possante envergadura e de surtos maiores que os de D. Romualdo Antonio de Seixas, já citado neste trabalho.

Principe acatado da egreja, elle honrou como nenhum outro o solio episcopal deste Estado, dando lustre á instrucção e brilho ás lettras, tornando-se celebre como polemista e orador sacro em todo Brasil e fóra delle.

O echo maravilhoso de seu verbo ainda reboa pelas abobadas de nossos templos, attrahindo ouvintes, avigorando a alma dos crentes, regenerando transviados e convertendo atheus, com os encantos de sua linguagem, ora dôce e amoravel, como um canto materno, ora eloquente, arrebatadora e trovejante; com a voz dos João Chrisostomo, dos Massillon e Bossuet.

Polemista vigoroso e terso, de logica de ferro surpreendente, resistia aos embates formidáveis de adversarios da força de Saldanha Marinho e conselheiro Tito Franco de Almeida, que com elle se bateram na celebre questão religiosa, provocada pelo bispo de Olinda, D. Frei Vital de Oliveira, em 1873-1876, e na qual tomou parte activa, defendendo pretensões do *Syllabus*, o então moderno código da egreja catholica, e que lhe valeu a prisão que soffreu na Ilha das Cobras.

Dessa questão injustificavel, que toda a imprensa brasileira condemnou, com excepção de alguns jornaes clericas, motivada, segundo José Verissimo, “por insignificantes brigas de opas e balandraus”, ficou um livro de D. Antonio de Macedo Costa, valioso documento de seu genio de escriptor vernaculo, de dialectica assombrosa e brilhante: “Direito contra o Direito”, paralelo em logica e sinceridade aos publicados por seus contradictores, “A Egreja e o Estado”, de Saldanha Marinho”, o *Ganganelli*, e “A Egreja no Estado”, do conselheiro Tito Franco de Almeida, o *Canonista*.

Essa questão religiosa começada em 1873, não foi, porém, como disse o escriptor citado, provocada por *insignificantes brigas de ópas e balandraus*...

Foi, sim, o choque formidando do ultramontanismo com o espirito moderno, que continuava a sonhar com a liberdade e a Republica, e no qual tomou parte activa a Maçonaria brasileira, sahindo victoriosa; eram as idéas de Renan, Strauss, Littré e Ce nte que se aclaravam na mentalidade nacional de Saldanha, Ottoni, Laffayette Pereira, Benjamin Constant, Bocayuva, Lopes Trovão, Mi-

guel de Lemos, Patrocínio e outros, e que foram realidade bemfazeja nos annos aereos de 1888 e 1889.

Com outros adversarios de não menos valor que os citados, D. Antonio se bateu tambem, por questões maçonicas, e de crenças philosophicas, como as que sustentou com o padre Eutychio Pereira da Rocha, maçõ convicto, o dr. Sousa Filho e o dr. Lauro Sodré, este, positivista illustre, os quaes, se o deixaram malferido na lucta, não lhe abalaram contudo o fervor religioso, nem a arraigada convicção com que pelejava pelos dogmas do catholicismo reinante.

Além dessa monumental obra de combate que é o "Direito contra o Direito", D. Antonio organizou para o ensino publico do Estado uma "Historia Biblica", resumo do Velho e Novo Testamento, com illustrações, e que teve larga circulação; um "Catecismo da Doutrina Christã" e o livrinho intitulado "Licções de Civilidade", para uso nas escolas, especie de Codigo do Bom Tom, de incontestavel utilidade para a infancia e a mocidade.

Publicou ainda, em folhetos, conferencias, officios e relatorios, nos quaes trata de assumptos varios, com proficiencia e erudição, como "A Amazonia", conferencia realizada em Manaus, no anno de 1883, indicando meios aos poderes publicos de desenvolver a civilisação nos dois grandes Estados do norte, com a construcção de um navio-egreja ou templo fluctuante, a que déra o titulo de "Christophoro", que levaria a seu bordo sacerdotes illustrados a percorrerem continuamente, em todos os sentidos, a immensa rêde fluvial do rio mar, fazendo chegar as luzes da civilisação

e os soccorros do espirito ás populações christãs e pagãs, que viviam e morriam ao desamparo, ideal esse que, mau grado seus ingentes esforços, não conseguiu vêr realizado.

No officio-relatorio impresso em 1866 e por elle dirigido ao então Ministro do Imperio, entre outras medidas importantes, lembrava, com segura visão e descortino, as que o governo devia tomar sobre a catechese e civilisação de nossos indios, e solicitava um retóque nos artigos 42 e 95 da lei de 19 de agosto de 1846, que designavam as egrejas matrizes do Imperio para nellas serem feitas as eleições populares.

Nessa parte do officio, D. Antonio de Macedo Costa pedia a extincção dessa praxe, citando com minucia e magua o que nellas se passava.

Para aquelles que vieram depois da epocha das eleições populares, realizadas dentro dos templos catholicos, abaixo transcrevo alguns topicos desse substancioso officio, por onde poderão imaginar o que ellas eram.

O quadro é pintado com vigor, flagrante de verdade, pela penna do famoso pregador, do illustrado sacerdote, que assim falava ao Ministro do Imperio:

“

Ah! sr. Ministro, sinto-me estremecer até o mais profundo de minha'alma, ao lembrar me as horrendas profanações e desacatos que se reproduzem, á sombra da lei, a cada reunião dos concilios eleitoraes. Aquelle entrar dissipado de uma numerosa multidão pelo templo sagrado, com idéas, sentimentos e paixões inteiramente alheias á Religião, como se fôra o logar santo um bazar ou praça publica; aquelle estrondar confuso de fa-

las, de reclamações, de bargalhadas, de insultos grosseiros, de palavras obscenas, quebrando o silencio augusto do santuario; aquelle afrontar a presença do Deus de Verdade com tantos manejos fraudulentos, no meio das vociferações do partido contrario; aquelle refferer de odios violentos, que estão flammejando nos olhos, rebentando nos gestos, atroando em ameaças e gritos descompostos; aquelle ficar aberto o augusto recinto a noite inteira, para que o povo possa yelar a urna, que então se acha rodeada de velas accesas, como um idolo, no meio do Santuario, e os grupos dos politicos a passearem pela nave, a fumarem, a cuspirem, a conversarem, a rirem estrepitosamente, fazendo-se ceiatas e orgias, cujos restos immundos alastram no outro dia o pavimento sagrado. Ah! quem vê isto, não num compartimento visinho do templo, separado por uma parede do Santo dos Santos, como outr'ora as abominações praticadas pelos Judeus, mas em face dos altares do Deus vivo, mas dentro do Santuario perfumado pelo odor do Sacrificio, em presença do Tabernaculo onde reside o Santissimo Sacramento; quem vê isto, se tem fé, não pôde deixar de sentir confranger-se-lhe dentro do peito o coração, e dizer, ferido no que ha de mais intimo e delicado nos sentimentos do homem e do christão: Não, no Brasil não se respeita a casa de Deus!

Minha penna se recusa a traçar as scenas horrorosas, os sacrilejos attentados que tantas vezes têm feito gemer a Religião, e que se perpetram em todas as dioceses do Brasil, na quadra vertiginosa das eleições populares. O estrondo das armas abalando as paredes sagradas; todo o recinto cheio de fumaça, de alaridos, de confusão, e o sangue das victimas jorrando pelos supedaneos do altar!...

Muitas vezes, em falta de armas homicidas, as imagens sagradas, os crucifixos arrancados dos altares por mão impura, para com elles se espedaçarem naquellas luctas fraticidas...

.....

Espirito de illustração complexa, não era só na prosa que a sua penna brilhava; a poesia e a musica não lhe eram extranhas tambem; compô-nha canticos, hymnos e outras musicas sacras;

escrevia poesias bellissimas, cantando as grandezas e a convicção de suas crenças, assim provando

A EXISTENCIA DE DEUS

Si nas vastas campinas lá dos mares
gyra o cortejo immenso d'aureos mundos,
si na terra e nos mares tão profundos
ordem descubro e motos regulares;

si contingentes seres aos milhares
rompem do nada os seios infecundos,
e si não pôdes dar entes segundos
sem um Ente primeiro lhes mareares;

si até por entre a escuridão funesta
que cerca do selvage' a alma ferina
a crença do Alto Ser se manifesta;

logo é verdade o que nossa alma ensina:
Existe o Deus que a natureza attesta
e que aos mais seres o principio assigna.

D. Antonio de Macedo Costa.

A reforma da nossa Cathedral, as bellezas de seus marmores riquissimos, a preciosidade de seu orgão, a sumptuosidade de seus vitraes e das pinturas maravilhosas de De Angelis, que a tornam uma das primeiras cathedraes do Brasil, a elle tão sómente se devem: a D. Antonio de Macedo Costa.

INGLEZ DE SOUSA, nascido na cidade de Obidos, do Pará, em 1853 e fallecido no Rio de Janeiro em 1920, formouse em São Paulo, tendo

exercido os cargos de presidente dos Estados de Sergipe e Espirito Santo e de director da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. A morte o surpreendeu representando o seu Estado natal como deputado á Camara Federal.

Era prosador e publicista notavel, deixando para attestar sua capacidade como romancista, *conteur* e jurisconsulto, obras de valor: "O Missionario", "O Coronel Sangrado", romances; "Contos Amazonicos"; "Titulos ao Portador", manographia juridica, etc.

Pertencia ao grupo dos naturalistas e seus contos e romances relembram quasi todos a terra paraense, a sua historia, usos e costumes, possuindo o sabor das coisas regionaes, que o valorisa, pela verdade dos scenarios e fieldade das descrições.

INGLEZ DE SOUSA residindo ha longos annos na Capital Federal era mais um escriptor brasileiro que paraense e occupava com brilho uma cadeira na Academia Brasileira de Lettras, como um de seus membros mais distinctos.

JOSE' VERISSIMO, escriptor brasileiro dos mais notaveis, membro da Academia Brasileira de Lettras, nasceu no Pará, em 8 de abril de 1857 e falleceu no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1916. Começou no Pará a sua vida litteraria e publica, escrevendo artigos criticos, estudos, contos e novellas regionaes, na "Revista Amazonica" e fundando o "Collegio Americano", de sua propriedade e direcção, estabelecimento de educação moderna, ao lado dos vultos mais proeminentes do professorado da Capital.

Mais tarde, passou a residir no Rio de Ja

neiro e alli occupando os cargos de Director do Gymnasio Nacional e da Escola Normal daquelle cidade, em cujo posto humilde falleceu, deixando traços inapagaveis de sua competencia e saber.

Publicou o seu primeiro livro "Primeiras Paginas", em 1878 e, dahi por deante, a longa serie de suas obras litterarias, da qual fazem parte as "Scenas da vida amazonica", em 1886, "Estudos Brasileiros", litteratura, historia, geographia e critica (1889—1894) "Estudos da Litteratura Brasileira", "A pesca na Amazonia" (1895) "Historia da Litteratura Brasileira" (1914—1916), etc.

JOSE' VERISSIMO é um escriptor consagrado como critico, e, como educacionista, não se lhe pode fazer maior justiça do que nestas linhas Carneiro Leão, ao falar de seu livro "Educação Nacional":

"Num paiz como o nosso sem educação e sem directriz, este livro é uma especie de evangelho, que todos deviam meditar e possuir. "Educação Nacional" quizera que fosse dada a todo o homem de responsabilidade, a toda a criatura que possa, um dia, influir no nosso destino, a todo o moço que represente uma esperança, a toda a mocidade, enfim, que é renovo e é vigor e é força e é seiva nova para formar, victorioso, o nosso Brasil futuro." (1)

FIOCK ROMANO, jurisconsulto e causidico eminente, floresceu no Pará em 1866—1880; quando lente substituto da cadeira de philosophia do "Collegio Paraense", honrou a instrucção publi-

1º "Revista do Brasil", anno 1º, n. 10, volume 3º; 6 de outubro de 1916. Rio de Janeiro, pags. 137.

ca de nossa terra com os seus ensinamentos, publicando em 1867 uma "Chrestomathia", que foi approvada e adoptada nas escolas primarias pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Pará.

Esse livro, rarissimo hoje, é uma collecção de trechos em prosa e poesias, de varios escriptores, escolhidos de entre os classicos que fixaram, poliram e escreveram com mais pureza a lingua portugueza.

Desse bello volume, dividido em duas partes, prosa a primeira e versos a outra, destacam-se innumerous proverbios, maxims e pensamentos salutaes e uteis á infancia estudiosa, dignos de meditação; excerptos de Soares Toscano, J. de Barros, Barrêto Junior, padres Antonio Vieira, Manoel Bernardes, Caetano Brandão e outros; poesias selectas de Fagundes Varella, Bittencourt Sampaio, José Bonifacio, Gonçalves Dias, Domingos Magalhães, Luiz Guimarães, Julio Cesar, Santa Helena Magno, Alexandre Herculano, Palmeirim, Agostinho de Macedo, Camões, etc.

A JOSE' DA GAMA ABREU, barão de Marajó, devemos um precioso estudo chorographico intitulado "As regiões amazonicas", um grosso volume de 400 paginas, contendo varios mappas elucidativos e uma planta da cidade de Belem do Pará, em 1866, obra do engenheiro Manoel Odrício Nina Ribeiro, bem como um livro de impressões de viagem, "Do Amazonas ao Bosphoro", obras importantes que muito honram as nossas lettras.

CONSELHEIRO TITO FRANCO DE ALMEIDA, nascido no Pará, a 4 de janeiro de 1829 e fallecido na

capital desse Estado a 17 de fevereiro de 1899, foi um dos paraenses mais notáveis de seu tempo, como jornalista de vasta e sólida erudição.

Tomou parte activa na celebre “questão religiosa” provocada pelo bispo de Olinda, secundado pelo do Pará, como paginas atraz já dissemos, e foi mais tarde abolicionista ardoroso, batendo-se com a palavra e com a penna contra o escravagismo sem entranhas. “O Liberal”, “A Provincia do Pará”, o “Diario de Noticias” eram os campos de acção de sua penna refulgente de jornalista terso e de polemista formidavel.

Monarchista intransigente, conservou-se firme e fiel ao regimen decahido até a morte o arrebatado do scenario da vida.

Seus livros “A Igreja no Estado”, publicado com o pseudonimo de o *Canonista*, “Biographia do Conselheiro Furtado” e o que escreveu sobre a *questão do Amapá*, além de multiplos estudos esparsos de litteratura, jurisprudencia e politica imperialista collocam-no na fileira dos mais elevados vultos de homens illustres, não apenas de sua terra natal, mas do Brasil inteiro, que o admirava e distinguia.

JOÃO LUCIO DE AZEVEDO, escriptor portuguez, que tambem é paraense, pelo amor que consagra á nossa terra e por aqui ter passado parte de sua mocidade, é auctor, e deve ser citado como historiador illustre, de uma obra publicada em 1893, “Estudos da historia paraense”, bem como de mais dois livros, um de viagens, editado em 1897, “New-York”, e outro em 1901, “Os jesuitas no Grão-Pará”, obra de merito pelas verdades historicas que encerra.

O DR. JOAQUIM PEDRO CORREA DE FREITAS foi um benemerito da instrucção publica no nosso Estado, tendo nos seus livros bebido luz duas gerações. Ainda hoje são adoptados os seus 1º, 2º e 3º "Livros de Leitura", o seu "Paleographo" e a sua "Geographia e Historia", para uso das escolas primarias.

Outro vulto da litteratura didactica é o meu velho confrade coronel RAYMUNDO CYRIACO ALVES DA CUNHA. Delle possuimos uma "Pequena Chorographia da Provincia do Pará", 1887; nesse livrinho util ha um interessante capitulo explicando claramente o phenomeno da pororóca nos nossos rios, trazendo mais um capitulo historico e noticioso sobre a cidade de Belem, trabalho este que, pelo seu valor, foi transcripto no "Diccionario Geographico", do dr. Alfredo Moreira Pinto, 1º volume, pgs. 239 e seguintes.

Publicou ainda: "Geographia Especial do Pará", 1894 e "Paraenses Illustres", em 1896, trazendo a ultima a biographia de alguns vultos de nossa historia politica, parlamentar e litteraria. Todos estes livros estão já na sua 2.ª edição, exgottadas algumas.

LAURO SODRE', duas vezes governador de seu Estado, nosso distincto e benemerito patricio, tambem faz parte dessa gloriosa phalange de escriptores, que renome têm dado ao Pará.

Delle correm mundo, além de varios trabalhos esparsos pelos jornaes do norte e sul do Brasil, de opusculos e discursos de propaganda republicana e politica, duas obras de vulto: "Crenças e Opiniões", publicada em 1896, e onde estão colleccionados artigos de polemica travada nos jornaes de Belem com o conselheiro Tito Franco

de Almeida, com dom Antonio de Macedo Costa, com o conego Mancio Caetano Ribeiro e outros padres collaboradores da "A Bôa Nova", extincto jornal catholico que se publicava em Belem, em 1881.

Esses artigos são a confirmação de suas crenças scientifico-philosophicas, como discipulo de Augusto Comte e Benjamin Constant, de sua fé republicana, de seus idéaes politicos alevantados e nobres.

"Palavras e Actos" (1897) é outro livro de combate e de critica, que muito distingue o seu auctor, pelas idéas e conceitos nelle expendidos, dando a reconhecer no escriptor, um espirito esclarecido e culto.

Ha ainda alguns nomes illustres que devem a-brilhantar este alongado parenthesis; DR. MANUEL BARATA, distincto historiographo, conhecendo a fundo a historia paraense, os seus homens, as suas lendas, a sua topographia primitiva, possuidor de uma das maiores bibliothecas do Pará, enriquecida de documentos ineditos e authenticos, auctor de varios trabalhos sobre o Pará, parte publicada pela "Folha do Norte" e parte que só agora vae ser divulgada, posthumamente, pelas columnas da "Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro".

DOMINGOS SOARES FERREIRA PENNA, nascido em Minas Geraes, não será olvidado neste modesto trabalho, pois que a elle o Pará deve serviços inestimaveis, como intellectual de merecimento, tendo em Belem exercido sua actividade por mais de trinta annos.

A historia natural da região amazonica foi enriquecida pelos seus estudos, divulgados em re-

vistas e obras publicadas, vindo a fallecer em 1888.

Ferreira Penna era socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e lente da Escola Normal do Pará.

Leiamos o que delle disse Aprigio Nascimento, um de seus biographos:

“Desde os primeiros annos da sua vida, mostrou Ferreira Penna robusta vocação ás lettras, tendo sido considerado, no seminario, em que estudára, o alumno mais distincto da sua contemporaneidade.

Exerceu em Minas Geraes, sua provincia natal, diversos empregos, e fundou o jornal “O Apostolo”, folha de grande acceitação.

No Pará, onde viveu trinta annos, além de outros cargos que occupou, foi secretario da policia, secretario da presidencia da provincia e director do muzeu, logares estes em cujos exercicios captou as mais lisongeiras sympathias por sua intelligencia e lealdade.

Fundou ainda outro jornal, “O Colombo”, do qual era redactor principal.

Fôra nomeado para diversas commissões scientificas cujos relatorios são a prova mais eloquente do ardor homerico com que desempenhava os seus mais arduos deveres, e a revelação de um grande cultor das sciencias naturaes.

Homem virtuoso, cheio de uma perseverança digna de ser imitada, nunca lhe falleceu o animo sempre que era preciso trabalhar para a familia e para a patria, á que legou varias obras e uma distincta pleiade de discipulos.”

José Verissimo, em um bello discurso, á beira do tumulo do finado, assim se exprimiu:

...“E’ seu nome hoje encontrado a cada passo nos trabalhos de Agassiz, de Oston, de Hart, de Bates, de Smith, de Walter, e de muitos outros respeitosos exploradores d’Amazonia.

Era a sua casa simples habitação de um homem pobre, amontoada de livros, de mappas, de cartas geogra-

phicas, de restos archeologicos, de specimens ethnographicos, de amostras de plantas e quanto diz respeito á historia natural,—a primeira procurada pelos sabios naturalistas estrangeiros que visitavam esta região e que allí iam, sabedores da sua segura sciencia da Amazonia, pedir-lhe conselhos e direcções.”

EMILIO GOELDI, quando director do Museu Paraense, estabelecimento que mais tarde lhe herdou o nome, e J. HUBER, seu erudito e competente collega, legaram-nos varios volumes de historia natural, enriquecendo-a com a divulgação de varios specimens de aves e mammiferos da Amazonia, muitos desconhecidos ainda dos naturalistas, volumes publicados em 1893-1897, alguns em edição de luxo, com illustrações a côres.

HYGINO AMANAJA's, trabalhador infatigavel e cultor das lettras, fallecido a 17 de janeiro de 1921, na capital do Pará, foi, na sua mocidade, poeta e “conteur”, deixando esparsos nos jornaes e periodicos litterarios “Diario do Gram-Pará”, “Estrella do Norte”, “Estrella d’Alva”, “Abaetense”, “Muanense” e outros, poesias e contos de sua lavra, infelizmente perdidos hoje.

Ainda assim, como prova de seu amor ás lettras nas horas fôrras de sua vida trabalhosa e inconstante elle escreveu e publicou os seguintes livros: “Contos e Lendas Paraenses”, “A Educação Civica” e “Alma e Coração”, este ultimo á feição do “Coração”, de Edmundo de Amicis, e que é um magnifico e excellente compendio de educação moral e civica.

ARTHUR OCTAVIO NOELI VIANNA, intelligencia fecunda e cultivada, foi jornalista de combate, redactor-chefe do “Jornal do Commercio”, do

Pará, em 1902, director da Bibliotheca Publica do mesmo Estado e que a elle deve a sua remodelação; conhecedor abalizado de historia universal, especialmente da regional paraense, deixou, além de varios trabalhos inéditos, "As epidemias no Pará", "Pontos de Historia do Pará", "O Pará em 1900" (noticia historica) "A Santa Casa de Misericordia Paraense", contendo, além da noticia historica da fundação e vida dessa pia instituição, parte da propria historia do Pará, com documentos authenticos, desde a fundação da cidade até 1902, com minuciosidade de detalhes, que tornam esse seu trabalho uma preciosidade e o melhor de todos os que nos deixou. Publicou ainda varios trabalhos sobre a eterna questão de limites entre o Pará e o Amazonas, sob os titulos de "A Região Limitrophe", "Limites estatuidos", "Uti-possidetis paraense", etc., discutindo o assumpto com proficiencia e sensatez.

DR. ARTHUR PORTO, educacionista de valor, fez da instrucção um sacerdocio, vindo de Pernambuco para o Pará moço ainda e em Belem fundando um collegio de educação superior e primaria, o "Collegio Progresso Paraense", que ainda hoje dirige e que é um attestado eloquente do quanto são salutaes os methodos modernos de pedagogia para crianças e moços.

Publicou em volume, além de estudos esparços "O ensino educativo no Pará, Personalidade e patriotismo do professor", onde o provector mestre patentea os seus seguros conhecimentos da materia.

THEODORO BRAGA, se outros titulos não tivesse que o distinguissem, bastava o de trabalhador

infatigavel, que o é, procurando patrioticamente honrar a terra de seu berço. Allia este paraense talentoso ás qualidades de escriptor as de pintor de real merito, do que dão provas cabaes os seus valiosos quadros “Manhã de anniversario”, “S. Lucas” e “Fundação da Cidade de Belem”, tendo obtido em janeiro de 1900 o premio de 5 annos de estudos na Europa, dado pelo Governo no concurso de viagem que estatuiria; seguindo para o estrangeiro, frequentou a Academia de pintura de Paris, tendo visitado os muzeus de Londres e Berlim, passando após á Belgica, Hollanda, Suissa, Italia, Austria, Hungria e Baviera.

Trocando por vezes o pincel pela penna tem se dedicado a estudos de geographia e historia paraense, sendo productos desse exhaustivo labor os seguintes livros: “Mappa economico do Estado do Pará”, “Noções de Chorographia do Estado do Pará”, “Apostillas de Historia do Pará”, “A fundação da cidade de Belem”, “Guia do Estado do Pará” e “O municipio de Breves”, tendo em preparo um “Diccionario de Historia, Geographia, Estatistica e Biographia do Pará”, com o seu Atlas, abrangendo 76 mappas sobre o Estado.

Enriqueceram tambem a litteratura didactica no Pará, os educacionistas dr. CARLOS AUGUSTO VALENTE DE NOVAES, medico distincto, que consagrou parte de sua vida á mocidade de sua terra, educando-a, como lente do Gymnasio Paes de Carvalho, deixando as seguintes obras: “Geographia Primaria”, “Geographia Secundaria ou Superior”, “Historia Natural”, “Physica Elemental”, “Geographia Especial do Pará” e “Chorographia do Brasil”; FELIPPE PINTO MARQUES, que foi lente de portuguez e geographia, no Seminario

do Carmo, e secretario da instrucção publica do Estado, paraense de elevadas virtudes, compoz e publicou uma "Grammatica da Lingua Portugueza" e uma "Geographia Elementar", adoptadas nas escolas publicas do Estado e de optimos resultados no ensino, que alcançaram varias edições, bem como uma "Grammatica Franceza", que não chegou a concluir.

Falleceu em Belem do Pará, a 22 de março de 1883, tendo nascido no Acará, a 1º de maio de 1848.

AUGUSTO RAMOS PINHEIRO, professor normalista, como o foram CANTIDIANO NUNES e ANTONIO MACEDO, deixaram todos elles obras didacticas, adoptadas ao uso das escolas, bem como escriptos litterarios, tendo o segundo publicado os seguintes: "Orientaes" e "Guajarinas", contos; "A revolução paraense", "Amôr... amor...", dramas, e "A Terra Paraense", obra que elle reputava como a melhor das suas, e que não pôde concluir. Era professor normalista, doutor formado em direito e director-fundador do "Collegio do Norte", que deixou de funcionar depois de seu traspasse.

Tendo sido citados neste trabalho nomes de grammaticos, de geographos e de conceituados naturalistas, bem como seus valiosos estudos sobre essas materias, preciso se torna agora, para me resalvar do aguilhão sempre acerado da critica, citar tambem a definição de Pereira da Silva sobre litteratura, que está de accôrdo com o meu modo de pensar:

"Litteratura é o desenvolvimento das forças intellectuaes, todas, de um povo: é o complexo de suas luzes e civilização: é a expressão do grau de

sciencias que elle possue: é a reunião, emfim, de tudo quanto exprimem a imaginação e o raciocínio, pela linguagem e pelos escriptos." (*Parnaso Brasileiro*, Intr. pags. 22).

Desta mesma opinião é o anthologo e historiador Varnhagen.

Isto dito,—está fechado o parenthesis.



O decano de nossos poetas sobreviventes é o velho advogado DR. JOAQUIM RODRIGUES DE SOUSA FILHO, pois nasceu a 24 de junho de 1836 e ainda se acha em actividade no fôro da capital. As suas melhores composições poeticas foram publicadas em folhas pernambucanas, na epocha de seu tirocinio academico.

Infelizmente, além de trabalhos esparços, elle não possue um livro, sequer, de poesias, o que é pena, pois do que tem publicado em jornaes e revistas, conhecemos algumas produções de original factura e inspirado estro.

E' de seu tempo a figura impressionante de GUSTAVO ADOLPHO CARDOSO PINTO, desventurado poeta paraense quasi desconhecido entre nós e que legou ás lettras dois livros de versos, "Risos e Lagrimas" e "Cantos do Desterro", ambos publicados no Recife, trazendo o primeiro um prefacio de Martins Junior.

O *condoreirismo* de Castro Alves, vinte annos depois de sua apparição no Recife, isto é, em 1884, teve dois representantes inspirados no Pará: JOAQUIM FRANCISCO DE MENDONÇA JUNIOR (*Mucio Javrot*) e IGNACIO BAPTISTA DE MOURA.

Ambos, influenciados pelas estrophes do ar-

doroso poeta das “Espumas Fluctuantes”, cultivaram com entusiasmo e arroubo esse genero de poesia.

MUCIO JAVROT, como era mais conhecido o primeiro, chegou mesmo a publicar um volume de poesias vasadas naquelles moldes, o “Crepusculares”, editado nesse mesmo anno de 1884, e que é um precioso escriptorio de perolas litterarias, com os senões de metrificacão de seu mestre Castro Alves, porém que em cousa alguma diminuem o valor de seu estro.

IGNACIO MOURA foi seu digno emulo, abandonando perdulariamente no *mare magnum* dos jornaes diarios da epocha da propaganda abolicionista, bellas e vibrantes poesias hugoanas, de envoltas com outras de suggestivo lyrismo e delicada urdidura. (1º)

Como amostra de poesia *candoreira*, cheia de *bombas* e de metrica incerta, tal qual a de Castro Alves, leiamos estas estrophes de Igancio Moura, em prol da abolição:

Sigamos adiante: a Idéa
Caminha como a Prothêo;
Tem a cabeça do Dante
E o facho do Prometheo;
A campina una-se aos montes,
Aclarem-se os horizontes,
Que a terra una-se ao céu;
Sequem do calice os travos,
Não pôde haver mais escravos,
Do porvir rasgue-se o véo!

(1º) Vide “Anth. Amazonica”, pags. 125.

Da patria a chaga medonha
Vamos com beijos curar;
A ingratição de tres seculos
O Amôr vae acabar;
E essa triste figura,
Que se chama escravatura
Ha de servir de trophéo;
Enforque-se o preconceito,
Erga-se a voz do direito,
Que a liberdade venceu!

Não sei aqui o que vejo
Nos olhos da multidão:
—A historia triste de um povo
E um dia de remissão;
Fez-se de penas escala,
Houve o azorrague, a senzala,
O tronco, a fome, o estertor...
Mas hoje, meu Deus, consola
Traz em triumpho a esmola
O que ainda hontem era dôr.

A mulher tem sempre um beijo
Para a lagrima seccar;
A mocidade tem hymnos
Para o gemer suffocar...
Retirem afinal da arena
O corvo, a victima, a hyena
A vergonha e o chacal;
Transforme-se tudo em riso.
Seja o inferno um paraiso,
Chamem bem ao que era mal.

Em vez de esqualidos dedos
De negra e misera mão,
Da branca os dedos rosados
Supplicam da multidão
Obulos tristes, mesquinhos,
Para quebrar os espinhos,
As urzes da escravidão...
—Corra o ouro nestas noites
Tanto quantos açoites
Soffreu essa geração.

Em vez do grito do tigre
 Do deshumano senhor,
 Da moça a voz argentina
 Vos pede, em nome do Amôr,
 Um vintem para os captivos...
 — São filhos que inda estão vivos...
 Dos que morreram sem luz...
 Quebre-se o sceptro á cubiça,
 Entreguem o pão á justiça,
 Arranquem o martyr da cruz.

O dinheiro com que ao Christo
 O Iscariotes vendeu
 Resgatará este povo
 Das trevas em que gemeu;
 Quando á noite, em tempestade
 Do negreiro a crueldade
 Fazia de infamia o mar
 Bem longe eria a esperança
 De uma noite a bonança
 A liberdade alcançar!

.....

Vamos! na arteria dos moços
 Inda existe muito sangue;
 Ha no rio muita agua clara
 Para o tijeco do mangue:
 Ou estas hostes inteiras
 Expulsarão das fronteiras
 A vergonha da nação:
 Ou as aguas do Amazonas
 Hão de lavar destas zonas
 A nodoa da Escravidão!

A 16 de maio de 1865 fallecia na capital do Ceará, aos 18 annos de idade, o desventurado paraense, terceiro annista de direito da Academia do Recife, THEODORICO FRANCISCO DE ASSIS MAGNO, — promessa extincta de um grande poeta, que em

tão curta idade já nos dava a vêr os primores de seu estro, o vigor de seu talento.

THEODORICO MAGNO deixou formosas poesias esparsas e um romance, "Por causa de uma loucura", affirmação cabal de sua *vis* de romancista creador, de um observador paciente e minucioso de nossa vida intima. Publicou-o em 1882, primeiramente, no roda-pé do extinto "Diario de Belém", do Pará, e, depois, em volume, conjuntamente com outro de Paulino de Brito, "O homem das serenatas", trabalhos estes que tomaram o título de "Tentativas Litterarias".

PADUA CARVALHO, jornalista e poeta; JOÃO NILSON, ALCEBIADES NEVES, ANTONIO MACEDO, poeta, chronista e educacionista de comprovada competencia, e outros, surgiram e desapareceram, como espumas na esteira de um barco, cantando amôres e dedilhando maguas, emocionando amantes e enthusiasmando esthetas.



Tiveram tambem sua época e se fizeram representantes das lettras no Pará, apparecendo nos comicios populares, pronunciando vibrantes discursos patrioticos, ou pelos theatros, em festas de Arte, recitando, de camarotes, poesias inspiradas, os drs. Marcello Lobato e Julio Mario, Lima Penante, actor e auctor de varios trabalhos dramaticos; Casemiro Borges Godinho de Assis, uma bella organização poetica; Alexandre Servata, José Olympio Pereira de Mello e dr. João Pontes de Carvalho, auctor do "Hymno Patriotico 15

de Agosto”, musicado pelo fallecido maestro paraense Clemente Ferreira, e outros, que se foram para o seio da morte, com excepção dos dois ultimos citados, que ainda vivem, deixando vestigios de seu poetar pelas columnas dos jornaes, das revistas litterarias e em polyantheas illustradas.

De suas composições poeticas, infelizmente, não dou aqui uma amostra, porque as que possui são defeituosas na metrica, deslize este peculiar nesses poetas. Davam largas á inspiração claudicando na metrica, e deixavam quasi sempre defeituosas as mais bellas de suas concepções, os mais arrojados surtos de seu estro.

★

Em 1888 uma rivalidade injustificavel, mas util para o nosso incentivo litterario, separou os intellectuaes paraenses em dois grupos distinctos.

Eram chefes de um delles Paulino de Brito e João Marques de Carvalho, tendo por acolytos: Frederico Rhossard, Antonio de Carvalho, Heliodoro de Brito, Bertino Miranda, Pontes de Carvalho e outros; chefiava o outro o espirito revolucionario e irrequieto de Olympio Lima, tendo por companheiros: Acrisio Motta, Leopoldo Sousa, Manoel Barreiros Lima, João Nilson, Guilherme de Miranda, João de Deus do Rego, Antonio Macedo e o auctor destas linhas.

Em 1889 uniram-se ao nosso grupo outros rapazes de talento: Barroso Rebello, Elias Vianna, Alfredo Pinto, Paulo Maranhão e outros.

Surgiram então as revistas litterarias “A

Arena”, órgão do grupo de Marques de Carvalho, e o “Sylvio Romero”, órgão do nosso.

Estas duas publicações semanaes, editadas em optimo papel *couché*, foram as depositarias das lucubrações litterarias de toda uma mocidade sedenta de renome, cheia de fé, de idéas seductoras e de talento, entoando hymnos á liberdade, versos ao amôr, compondo phantasias, escrevendo contos, architectando romances.

O espirito combatente de OLYMPIO LIMA azoragava os enfatuados e os politicos, no “Trunfo é páos”, livro de chronicas satyricas que publicou em 1891 e pelas columnas do “Sylvio” e do “Cosmopolita”, hebdomadarios de sua direcção.

MARQUES DE CARVALHO atirava ás barbas dos imperialistas as “Lavas” de seu cerebro e “O sonho do monarcha” e mandava imprimir o seu livro “A Hortencia”, como o porta-bandeira, na Amazonia, da escola *naturalista*, provando ser um competente manejador do romance experimental, imbuido até a medula das leituras de Stendhal e Zola.

A sua prosa era fluente, cheia, natural.

“A Hortencia” possui paginas magnificas, como as da descripção que faz quando a heroína vae ao quarto mudar a roupa para ir procurar emprego na Santa Casa de Misericordia, a narração, ao vivo, de uma funcção no *Circo de Cavallinhos* e outras paginas de incontestaveis bellezas.

PAULINO DE BRITO, que antes havia publicado “O homem das serenatas”, livro de estréa, accommodado á escola romantica de 1830, bem como um poemeto, “A bebedeira”, em resposta a outro, “A Tentação”, de MARCELINO BARATTA, satyrisando

em 1883 as *altas cavallarias* de um ex-vigario, em alexandrinos de fogo, brindava as lettras amazonicas com as "Noites em claro", volume de magnificos versos lyricos, ao sabor da musa de Campoamor, de quem era admirador.

O culto á mulher, o sentimentalismo catholico, o mysticismo poetico e religioso, eram as seus ideaes, amores e crenças.

Em 1900 publicava os "Cantos Amazonicos", que formam a 2.^a edição das "Noites em claro" e a 1.^a de suas mais modernas poesias. Pelas notas que acompanham o volume evidencia-se, que elle foi um espirito superior, cultivado, illustre.

Além de poeta e romancista, Paulino de Brito era um brilhante chronista, usando os pseudonymos de *Bellisario da Frota*, *Rosa dos Ventos* e outros, como tambem grammatico e educacionista, deixando publicadas algumas obras didacticas.

Abrilhamtemos estas paginas com a inspirada poesia *O Rio Negro*, de sua layra, e que póde ser collocada, sem favor, ao lado das obras primas da Musa Brasileira :

O RIO NEGRO

Na terra em que eu nasci deslisa um rio
 immenso, caudaloso,
 porém, triste e sombrio,
 como noite sem astros, tenebroso,
 qual negra serpe somnolento e frio...
 parece um mar de tinta, escuro e feio:
 Nunca um raio de sol victorioso
 penetrou-lhe no seio...
 no seio, em cuja profundeza enorme
 coberta de negror,
 habitam monstros legendarios, dorme
 toda a legião phantastica do horror!

Mas, d'um e d'outro lado,
nas margens, como o quadro é diferente!
Sob o docel d'aquelle céo candente
dos climas do Equador,
ha tanta vida, tanta,
ó ceus, e ha tanto amôr!

Desde que no horisonte o sól é nado,
até que expira o dia,
é toda a voz da natureza um brado
ingente de alegria!
E se levanta um sussurrar de festas
vibrante de ventura,
desde o seio profundo das florestas,
ás praias que nos cegam de brancura!

Mas o rio fatal,
quasi estagnado e morto,
arrasta entre o pomposo festival,
lentamente, o seu manto perennal
de luto e desconforto...

Passa... e como que a morte tem no seio!
Passa... tão triste e negro, que dicereis,
Vendo-o, que elle das lagrimas estereis
De Satanaz proveio!
Ou que ficou, do primitivo dia,
Quando ao FAÇA-SE!—a luz raiou no espaço,
Esquecido da terra no regaço,
Um farrapo do chãos, que se extinguiu!

Para alegral-o, o passaro levanta
Voz, com que a propria penha se quebranta!

Para accordal-o, a onça dá rugidos,
Que os bosques ouvem de terror transidos.

As flores, do thuribulo suspenso,
Mandão-lhe effluvios de sublime incenso.

Mas, debalde cantaes, formosas aves!
 Mas, debalde rugís, brutos ferozes!
 Mas, debalde incensaes, mimosas flores!
 Deixae meu rio entregue ás proprias dôres:
 Nem canticos suaves,
 nem magicos olôres
 nem temerosas vozes
 o alegrão jamais! Para a tristeza
 atroz, profunda, immensa, que o devora,
 —nem todo o rir, que alégria a natureza!
 —nem toda a luz, com que se enfeita a aurora!

.....

O' meu rio natal!
 Quanto, oh! quanto eu pareço-me contigo!
 Eu, que no fundo do meu ser abrigo
 Uma noite escurissima e fatal!
 Eu, que á sombra de um céu puro e risonho,
 Entre o riso, o praser, o gôso e a calma,
 Passo, entregue aos phantasmas do meu sonho
 E ás trevas de minh'alma!

Paulino de Brito falleceu no Pará a 16 de setembro de 1919.

JOÃO DE DEUS DO REGO, o mavioso lyrico do norte, discipulo amado de Luiz Guimarães, sorveu nos "Sonetos e Rimas" do mestre os amavios que fizeram a distincção de sua musa.

Nasceu na cidade de Caxias, no Maranhão, a 22 de novembro de 1867, tendo vindo com seus paes para o Pará aos cinco annos de idade, de onde nunca mais sahiu, a não ser uma vez, em 1899, em busca de melhoras á saude, já combalida, para

o Ceará, voltando das serras cearenses sempre doente da molestia que o matou.

Apprendeu primeiras lettras e rudimentos secundarios no antigo Seminario do Carmo, empregando-se mais tarde como caixeiro, numa mercearia. Ahi, ás occultas do patrão, devorava os livros de litteratura que lhe cahiam nas mãos, escrevendo no balcão da tasca, em papel de embrulho e a lapis, os seus primeiros versos. Um dia o patrão vendo que o marçano indigena não tinha quéda para o commercio a retalho, pôl-o no olho da rua.

Em 1885, sempre com a mania de ser poeta, entrou para o "Diario de Belem", como ajudante de reporter, impondo-se á sympathia do velho jornalista dr. Antonio Pinheiro, proprietario do jornal e de seu director, Manuel Valente do Couto, já fallecidos.

Nesse diario, cenaculo da intellectualidade paraense de então, o seu formoso espirito aperfeçoou-se de tal fórma que, annos depois, em 1886-1895, se tornou a admiração de seus pares, como poeta lyrico, *conteur* e phantasista de aprimorado lavor, e jornalista terso, elegante e fecundo.

Foi redactor do "Diario de Belem", do "Diario do Grão-Pará", da "A Republica" e, por ultimo, da "Folha do Norte", onde mais se evidenciou como polemista de combate, escrevendo artigos formidaveis de opposição e em prol da politica laurista da qual era adepto fervoroso.

Vencido da vida, elle tambem resvalou pelo terreno accidentado das loucuras do genio e nessa primeira phase de sua vida litteraria, onde apanhou o germen da molestia que o matou, quanta

joia poetica não deixou perdida, quanta perola esparsa no oceano revolto da insanía!

As rhapsodias daquelle brilhante espirito desapareceram para sempre, envoltas em pó, no chão dos estabelecimentos commerciaes, onde eram buriladas, por entre a admiração dos que o cercavam e diziam não comprehender como elle produzia tanta coisa bonita!

Não comprehendiam como um mestiço, de sapatos rotos e meias sujas, de paletot ensebado e collarinhos immundos, inflammado pelos vapores dos *groggs*, podia arrancar do cerebro tantas harmonias!

Na phase segunda de sua vida bohemia veiu a transição do passado; o poeta rehabilitou-se com o stoicismo encontrado na energia de seu character, mas... era já tarde!...

O segredo de sua musa consistia em nos dar a conhecer todos os nobres sentimentos d'alma, em emocionar-nos com os primores de sua linguagem; elle só escrevia quando a dôr, a paixão, a alegria, o infortunio, a bondade o empolgavam; dahi a vida, o sentimento, a belleza e a excellencia de sua divina musa.

Quer cantasse *Dolores*, que sempre vivia alegre; quer tecesse lôas á *Placeres*, que sempre vivia triste e desditosa; quer verberasse os Harris escravocratas, na *Kermesse Redemptora*; quer *N'uma petala de rosa*,—poemeto que é um mimo,—fustigasse a vaidade de uma princeza; quer, emfim, entoasse um hymno á *Caridade*, como na poesia que escreveu para commemorar o Centenario da Santa Casa, a paginas 168 do livro citado, elle molhava a penna no coração...

Publicou: "Numa petala de rosa", poemeto

lyrico admiravel, que mereceu do velho jornalista conselheiro Tito Franco de Almeida, uma honrosa apreciação critica, enaltecendo-lhe os meritos, publicada no rodapé do "O Liberal do Pará", em 1887, além de outras firmadas por pennas de reconhecida competencia; e "Primeiras Rimas", em 1888, bello livro de poesias lyricas, *cassette* delicada e perfumosa de flores de sua alma sonhadora.

Em 1905 um grupo de amigos seus, quasi todos da familia espiritual da "Folha do Norte", reuniu em volume as suas poesias esparsas, publicando-as, como saudosa homenagem ao talentoso e querido companheiro desaparecido, dando ao volume o titulo de "Ultimas Rimas".

João de Deus do Rego, maranhense de nascimento e paraense pela convivencia, pelo espirito e pelo coração, falleceu em Belem do Pará, sua terra adoptiva, no dia 30 de junho de 1902, tendo sido sepultado em campa perpetua, a expensas da "Folha do Norte", no cemiterio Santa Izaabel, sendo o seu enterro uma verdadeira romaria civica, uma apotheose commovente e espontanea.

Leiamos alguns de seus versos lyricos:

JESUS

Não é a cruz que te pungio os braços
Nem o ludibrio estúpido e dorido,
Atirado ao teu rosto escarnecido,
No arranco extremo, nos mortaes cançãos;

Nem são aquelles dolorosos magos
Que magoaram teu corpo combalido,
O que me leva a ti, detem meus passos,
Ao ver-te o vulto mystico e sentido;

Não! O que me faz a alma tristuosa
 Abrir-se toda—desbotada rosa—
 Aos orvalhos azues da adoração,

E' ver que o teu martyrio foi pequeno,
 Lyrio do céu, bemdito Nazarenô,
 Ante os jorros de luz do teu perdão!

TRILHAS OPPOSTAS

Como vão longe esses passados dias,
 Quando, nos nossos poeticos lazeres,
 Tu me contavas rindo os teus prazeres
 E eu te contava as minhas agonias.

Sem o mundano abysmo conheceres
 Tu eras tão ditosa que não crias
 Que eu fosse, havendo tantas alegrias,
 Um inditoso entre os ditosos seres.

Fugiu-te agora essa illusão fagueira...
 Tu já choraste a lagrima primeira
 E eu não tenho uma só para chorar.

Foi bem diversa a trilha que pisamos,
 Tão diversa, que nós que tanto amamos
 Nem podemos na dôr nos encontrar!

A UMA FLOR SECCA

(ENCONTRADA NAS PAGINAS DE UM LIVRO)

Qual foi a mão, a mão desnaturada,
 Que ahí te enclausurou, fanada rosa,
 Quando eras tu, quem sabe? a festejada
 Duns rubros labios de mulher formosa?

Em que trança cheirosa e delicada
Brilhaste? Qual a palpebra chorosa
Que em teu seio deixou encastoadada
De infausto amor a lagrima travosa?

Enquanto a brisa tremula e gemente
Dos rastos teus á espera suavemente
Dos mattagaes a coma acaricia,

O' flor defuncta que meu pranto irrorra,
Diz' me: de quantos beijos és agora
A catacumba taciturna e fria?

NA PHOTOGRAPHIA MATERNA

Quando em meu seio, funebre, rebôa
A dôr sem termos que ensombrar-me vem
Extendo os braços para ti, ó bôa,
O' velha Amiga, que me queres bem.

Pois és—ideal custodia em que se encerra
O que a minh'alma em cultos exalçou—
O coração mais doce que na terra
Junto ao meu coração já palpitou.

LEOPOLDO SOUSA, fallecido no Pará a 23 de junho de 1897, foi outro desventurado poeta, cujo talento tinha scintillações maravilhosas.

Em 1890, editado pela redacção do "Sylvio Romero", Leopoldo Sousa publicava o seu livro de poesias "Sombras".

Sem conhecer a indisciplina revolucionaria da epocha, o joven auctor das "Sombras" soube fertilizar de modo condigno, com os rendilhados labores de suas estrophes, a litteratura amazonica, tão deturpada, já naquelles tempos, pelos poetas scientificistas...

Abri esse livro e fazei um estudo analytico sobre a musa do poeta: não encontrareis ali esse jogo retumbante de palavras estranhas, rebuscadas nos lexicons, para produzir effeito, cheio de antinomia, nem esse conceito vago e abstracto, de percepção impossivel e de metrica macabra, tão ao sabor dos poetas-prodigios do seculo vinte, que teimam em querer ser o assombro dos povos...

Nessas paginas a rima é fluente, o estylo despreteucioso, a inspiração espontanea.

Adepto da musa de Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo e Heredia, no que deste ultimo lia em traducções, ainda assim, nas suas poesias, não se notam vislumbres de imitação desses auctores, sendo, pelo contrario, um parnasiano-lyrico de feição propria, elegantissimo.

H. Taine disse de Michelet: "Michelet possui a imaginação do coração antes que a dos olhos: todo o seu poder consiste na faculdade de ser emocionado. Não vê os cambiantes e as formas, senão para penetrar-lhes a alma e o sentimento que exprimem. Não pinta por pintar, e só imagina para sentir." *Essais de Critique et d'Histoire*.

Tal é o auctor das "Sombras". Leopoldo Sousa possuia a sensibilidade que caracteriza os escriptos do sabio francez.

Verdadeiro poeta inculto, sem estudos secundarios, quasi sem noções de grammatica revoltava-se contra os compendios e mandava os philologos á fava, incorrigivel, revoltado, indomavel ás regras.

Mas o seu talento tinha os reflexos cambiantes do crystal, e patenteava-se robusto de inspiração nas poesias *Lagrimas de mulher*, *A Amazona*,

O Amazonas, Mercedes, O espartilho, O sol, e tantas outras que attestam a belleza de seu estro.

Foi um diamante bruto que não teve tempo de ser lapidado, para fulgir com vantagem superior entre os mais puros e de maior brilho.

Por isso, a par dos primores que se encontram nas suas "Sombras" deleitosas, notam-se pequenos descuidos, defeitos que se apagam ante a riqueza da sua imaginação e a belleza de sua musa, original e fidalga.

E', porém, conveniente ter-se sempre em vista que o seu livro são as "Sombras" vagas do talento de um poeta, morto aos vinte annos, o depositario dos primeiros surtos de um *aiglon* das letras, que passou pela terra como um sonho...

.....
Leiamos uma de suas lindas poesias:

O AMAZONAS

A UMA AMAZONENSE

Se elle percorre indomito banhando
Ilhas, montanhas e o elevado serro,
Se elle o Atlantico junje soluçando
Com seus braços titanicos de ferro;
Se no seu rastro límpida e horte
De riquezas conduz, na longa trilha,
Se o Amazonas é grande, enorme, forte,
E' por tu seres do Amazonas filha!

Se elle tem noites triumphaes de estrellas!
Se elle tem noites triumphaes de amôr!
E' porque sob a scintillancia dellas
Brilham teus olhos, os teus olhos, flôr!

Se elle tem vaga doce e suspirosa
Pela praia gemente a soluçar,
E' por que nella vive harmoniosa.
A tua voz dulcissima a cantar.

Se elle tem tardes lucidas, divinas,
Onde cantam medrosas jassanans ;
Se elle teu auras doces, peregrinas,
Dias de rosas, musicaes manhãs :
Se elle canta na matta que se agita
Da passarada o hymno triumphante,
E' por que decorou, meiga e bonita,
Na tua voz a musica vibrante.

Nas tuas dores fundas a viola
Apprendeu a chorar ao sol poente.
O caboclo estudou a cantarola
Entristecida, terna e commovente ;
Nos teus sorrisos a tapuya linda
Apprendeu a sorrir aos namorados,
Quando da tarde na sonancia infinda
Chegam ás choças seus gentis amados.

Desses teus olhos foi que a noite escura
Tornou-se clara e fez-se rutilosa ;
De tua bocca peregrina e pura
Roubou-se a côr p'ra se fazer a rosa.
Se o sol tem fogo, se os vulcões tem chammãs,
E a aurora é rubra como rubra flôr,
E' que teus olhos lhe emprestaram flammãs,
E' que teus labios lhe emprestaram côr.

Se o Amazonas possue o poderio
De vencer sempre, jamais ser vencido ;
Se elle é o primeiro, o mais valente rio
O mais rico, o mais bello, o mais temido ;

Se no seu rastro limpida coorte
De riquezas conduz, na longa trilha,
Se o Amazonas é grande, enorme, forte,
E' por tu seres do Amazonas filha!

Leopoldo Sousa

FREDERICO RHOSSARD, morto a 16 de junho de 1900, foi outro poeta paraense de maravilhoso éstro, que deixou nome inapagavel nas lettras nor-tistas e é considerado um dos primeiros da gera-ção que passou. O "Diario do Gram-Pará", o "Diario de Belem", o "Commercio do Pará", "A Arena", "A Revista" e, sobretudo, "A Provincia do Pará", guardam produções suas que attes-tam as aptidões que possuia de poeta, de critico, de chronista, de polemista e de jornalista incon-fundivel, original e seducente.

Deixou inédito um bello volume de poesias intitulado "Estrophes", prefaciado pelo dr. Izi-doro Martins Junior, eminente critico, diploma-ta, poeta e membro da Academia Brasileira de Let-tras, ha pouco fallecido, e que o enaltece com jus-tiça.

Arrancamos das "Estrophes" estes versos da

CHAPA INDISCRETA

Fui retratar-me; dôcemente ouvia
dentro em minh'alma, tremulo, captar
um rouxinol: a tua voz, Maria...
Em minha mente, rutilo, fulgia
—aureo santelmo,—teu divino olhar;
n'uns hymnos idéaes acalentado,
cerebro envolto em capitosa luz,
redimia-me o peito amargurado,
junto a nevrose rubra do peccado,
a unção da Virgem Santa aos pés da Cruz.

Mudo fiquei, as cópias recebendo
 ao ir buscal-as, adorada flôr...
 e recuei, cauteloso, estremecendo,
 não sei se de surpresa ou de pavor;
 dellas, ao meio, um coração se via
 do meu busto em logar...

Um coração: o meu, dôce Maria,
 exausto de lutar!...

Um coração sangrando, bem golpeado
 pelas settas do Amôr...
 e ao centro delle, em chammas aureolado,
 tuberosa, n'um tanque ensanguentado,
 brilhava, sorridente e immaculado,
 — teu peregrino rosto encantador!

Frederico Rhossard

Deste formoso talento, desapparecido prematuramente, o prefaciador das “Estrophes”, que não era prodigo em encomios e que pertencia á escola contraria, não teve duvida em affirmar:

“Frederico Rhossard não é um imitador subserviente deste ou daquelle modelo nacional ou estrangeiro. Seus versos tem um que de pessoal e proprio, que proclama altamente a inspiração do auctor.

Isto prova que Rhossard é um poeta que sente por si e que por si exprime o que sente, sem se deixar levar por emoções e estylo emprestados.”



Causará, talvez, surpresa a muita gente eu citar aqui o nome de alguns paraenses distinctos que, se hoje cuidam de litteratura, é para o seu deleite particular; porém, que foram, nos seus

tempos de juventude, correctos manejadores da prosa e do verso, collaborando a nosso lado com superioridade e elegancia. Cito-os, porque não podia deixar no olvido os seus nomes, que fulgiram em revistas e jornaes paraenses, como combatentes de um mesmo ideal, sacerdotes de um mesmo crêdo. E' o historico do movimento litterario do Pará que estou escrevendo, e elles tomaram parte nesse movimento com calor e paixão.

Vejam os :

JOSE' OLYNTHO BARROSO REBELLO, hoje distincto advogado no fôro de Belem, foi antes um bizarro cultor das lettras nortistas, tendo feito a sua promissora estrêa pelas columnas do extincto "Diario de Belem", jornal em que publicou os seus primeiros trabalhos litterarios.

No livro de poesias de Juvenal Tavares, "Versos antigos e modernos", d'elle se poderá lêr um bem elaborado prefacio, substancioso estudo de litteratura, escripto com penna de mestre; do que deixou espalhado pelas columnas do "Sylvio Romero", recordamo-nos ainda de uma bella traducção de J. Honcey, *A noção do peccado na litteratura russa*, que, em successivos artigos, illustrou esse orgão de lettras. Ourives da prosa, Barroso Rebello limava o estylo, talhava-o com arte, gastando mezes no aperfeiçãoamento de suas produccões; o que atirava á leitura dos seus admiradores, tendo passado pelo cadinho da arte, era terso, vernaculo e aprimorado.

Um dos seus magnificos e originaes trabalhos é o emocionante conto que tem por titulo *Triste sorte*, publicado na "Revista", campo de acção da intellectualidade paraense de 1898. Esse con-

to, como o "Etelvina", e outros que escreveu nessa época, em estylo naturalista, é a observação exacta de um episodio da escravatura, tendo por scenario o interior de nosso Estado, e possui todos os tons descriptivos, minuciosos, do local, da linguagem inculta da gente do sertão e dos nossos costumes naturaes, provando assim que, se quizesse, seria hoje um escriptor naturalista, digno par dessa escola que immortalizou o romancista do *Germinal*.

O "Diario de Belem" guarda em suas paginas contos, chronicas e phantasias de Barroso Rebello, esse fugitivo das lettras que alli, ao lado de Valente do Couto, João de Deus do Rego, Servulo Juacaba e outros, era um dos mais brilhantes collaboradores.

No tempo da propaganda abolicionista, e d'ahi por diante, na época de seus estudos academicos, pelas columnas do "Sylvio Romero" e dos jornaes da capital, ELIAS TAVARES VIANNA, que hoje, como BARROSO REBELLO, parece ter abandonado de vez a penna de poeta e chronista incisivo, dicaz e brilhante, para abraçar a árida carreira da advocacia e do magisterio, comnosco pelejou nessa cruzada tentadora e foi tambem digno representante da poesia, como afinal o são todos os espiritos sonhadores, na mocidade...

ELIAS VIANNA escreveu chronicas suggestivas, cartas litterarias enviadas do sul para o "Sylvio" e poesias entusiasticas, seguindo a escola *condoreira*, como um dos seus mais fervorosos adeptos.

Republico e abolicionista sincero, elle tecia lôas a Republica, como orador ardoroso que é, e erguia hymnos á Liberdade nas festas patrioticas,

fazendo jorrar da penna decimas vibrantes como estas:

AVE, LIBERTAS !

Neste seculo grandioso
chamado da Evolução,
o escravocrata é um ente
mais vil do que Tamerlão !
E' assassino e tyranno
que sorrindo deshumano
calca aos pés o proprio irmão ;
é tigre sanguisedento
que morde a todo o momento
o braço que lhe dá pão !

Ante a Europa poderosa,
Ante a America viril,
que vergonha aterradora
sobre a face do Brasil !
Como um reprobado maldito,
como um nefando proscripto
seu viver desperta horror...
Todos os povos ao vel-o
sentem negro pesadelo
tremem de raiva e rancor.

A França, a soberba França,
—de todo mundo pharol—
quando o vê, brada arrogante :
—Fôge, ó Nero, de meu sol !
A Germania então murmura :
—Vae-te, ó negra creatura !
—Fôge de mim, phariseu !
A Inglaterra exclama irada :
—Vae-te, vae-te, desgraçada
Nação, que o mal acolheu !

Eis o preto que recebe
em toda a parte o 'Brasil!
Quem o vê, foge assustado
qual de um vil, tedro reptil.
Desde a Russia á velha Hespanha
desde a Italia até a Allemanha
todos gritam: maldição!
Maldição contra este insonte
monstro, que tem sobre a fronte
a mancha da escravidão!

.....

Mas, não importa! tenhamos
Coragem, força e valor!
Da mancha que nos legaram
Lavemo-nos com ardor.
Se fôr preciso soffrermos,
Se fôr preciso sorvermos
Na lucta amargoso fel,
Tenhamos os olhos fitos
Sobre os miseros proscriptos
Que vivem em noite cruel!...

Sobram-nos animo e forças,
o mundo diz-nos:—marchae..
Em nome da vossa honra
do escravo o nome apague!
Eia pois! extinto seja
o crime vil que negreja
o pavilhão nacional;
que o Brasil—forte e valente,
quer tomar logar saliente
“No concerto universal!...”

Elias Vianna

Um dos actuaes proprietarios da “Folha do Norte”, senador estadual, director da Instrucção Publica do Estado, e meu velho companheiro de

luctas, esse brilhante jornalista brasileiro que é PAULO MARANHÃO, foi e é ainda um dos mais scintillantes litteratos que a Amazonia tem possuido.

Como *conteur* naturalista, de feição propria, Paulo Maranhão é auctor de algumas novellas, impregnadas de fino humorismo, contos delicados e de forte emoção, cujo desfecho quasi sempre surprehende o leitor, alliando a essas qualidades as de chronista insinuante, de verve fina e de prosa vernacula.

Já depois de trintão, atirou-se a estudos mais sérios e escreveu a "Historia da Litteratura Brasileira", em dois volumes, que ainda não deu a estampa, porém que, pelos conhecimentos que possui do assumpto, se póde affirmar ser obra importantissima e bem cuidada.



Uma figura de destaque, que devia figurar no alongado parenthesis deste livro, e que por um lamentavel descuido ia nos escapando é a do illustre paraense FREDERICO JOSE' DE SANT'ANNA NERY.

SANT'ANNA NERY, que possuia o titulo de barão, nasceu em Belem do Pará, em 1848, estudando em Manaus até os 14 annos, seguindo então para França, onde passou quasi toda a existencia, alli se bacharelado em bellas-lettras em 1867. Nesse anno partiu para a Italia, formando-se em direito pela Universidade de Roma.

Jornalista dos mais acatados, sabendo a lingua franceza como a sua propria, escrevia para a

“Republique Française”, jornal fundado por Léon Gambetta, em Paris, e na “Patrie”, de Genebra, de propriedade do radicalista Carteret.

Em 1874 accitou a correspondencia do “Journal do Commercio”, do Rio de Janeiro, escrevendo cartas politicas e criando os celebres folhetins *Ver, Ouvir e Contar*, daquelle importante órgão carioca, e que tão larga fama tiveram.

Obteve pelo seu saber varios titulos honorificos, entre os quaes os de cavalleiro da Legião de Honra, dado pelo governo francez; a commenda de Christo, dada pelo governo portuguez e a de official da Ordem da Rosa com que o honrou o nosso governo.

Suas obras são quasi todas escriptas em francez vernaculo e intitulam-se: *Les finances pontificales* (1871)—*La logique du coeur* (1872)—*Un poete bresilien* (Antonio Gonçalves Dias, 1873)—*Camoens et son siècle* (1879)—*Lettre sur le Brésil: Reponse au “Times”* (1880)—*Le pays du cafe* (1882)—*La question du cafe* (1883)—*La bataille de Riachuelo* (1883) — *La civilisation dans l’Amazonie* (1884)—*Um homem de letras* (1884)—*Les pays des Amazones* (1906) e outros.

O movimento abolicionista de 1880-1888 e a propaganda da Republica, no Brasil, muito concorreram para o cultivo das letras no Pará; publicaram-se poematos, contos, romances, poesias, cujo assumpto patriotico era o combate contra o escravagismo e em pról da Republica.

A mocidade das escolas, as associações mago-

nicas, poetas e jornalistas, batiam-se com a palavra e com a penna, pelos jornaes e nos comicios populares, promovendo kermesses e *meetings*.

Tudo, porém, arrefece com o tempo e esse movimento cessou, depois da extinção da escravatura e empós a gloriosa appareição do regimen republicano. A *Arená* e o *Sylvio Romero* morreram; a inacção apoderou-se de nós, adormecendo-nos, durando esse lethargo cinco annos. Accordou-nos Natividade Lima, concebendo e pondo em pratica a creação de um nucleo intellectual que decidisse do futuro da litteratura amazonica, em dezembro de 1894.

Surgiu então a MINA LITTERARIA.

O *Paiz*, do Rio de Janeiro, noticiando a sua appareição, em edição de 24 de março de 1895, assim se expressou concisa e claramente:

“A *Mina Litteraria* é uma associação de rapazes de lettras, fundada no Estado do Pará, com o incentivo de desenvolver a litteratura no vasto territorio da Amazonia.

De organização toda especial, o seu presidente tem o nome de *mestre*; o vice-presidente, *contra-mestre*; os secretarios, 1.º e 2.º *chefes de turma*; o thesoureiro, *guarda das ferramentas*; o bibliothecario, *guarda dos mineraes*; os demais socios, *mineiros*.

Ha ainda o titulo de *mineiro honorario*, conferido ás auctoridades litterarias do paiz.

Os livros dessa agremiação de moços são denominados *pranchas*, as actas, *laminas* e o edificio onde funciona a sociedade recebe o nome de *Poço*. Os mezes são marcados pelas ferramentas, e começam de *martello*, janeiro, treminando em *aurea-picareta*, dezembro.

Cada *mineiro* tem um nome de guerra, com o

qual é obrigado a apresentar-se no *Poço*, sendo-lhe facultativo usal-o ou não na assignatura de suas produções.

Guilherme de Miranda, por exemplo, é o *Topasio*; Theodoro Rodrigues, o *Iris*; Bertoldo Nunes, *Esmeril*; Arthunio Vieira, *Silex*; João Baena, *Opala*; Fran Paxeco, *Calcarea*; Luiz Lobo, *Granada*; Manoel Barbosa, *Quartzo*; Luiz Barreiros, *Lapislazuli*; Marcos de Carvalho, *Oiro*; Alvares da Costa, *Rubim*; Getulio Santos, *Turqueza*; Natividade Lima, *Carbono*; Eustachio de Azevedo, *Muriato*; Alcides Bahia, *Petroleo*; Leopoldo Sousa, *Azougue*; João de Deus do Rego, *Grisú*; e assim os outros.

Enriquecem a bibliotheca dessa associação: *Paginas avulsas*—Alvares da Costa; *Retalhos*—Lauro Sodré; *Noites em claro*, *Homem das serenatas*, *Contos*—Paulino de Brito; *Miscelanea litteraria*, *Monodias* e *Enlevos poeticos* — Vilhena Alves; *Primeiras rimas*—João de Deus do Rego; *Do Amazonas ao Nilo*, *Bosphoro e Danubio*—barão de Marajó; *Orchideas*, *Nevoeiros*—Eustachio de Azevedo; *Coisas profanas*—Acrisio Motta; *Sombras*—Leopoldo Sousa; *Lendas e prebendas* — Christovão Barreto.

Estão em via de publicação:—*Ternuras*, *Artigos e chronicas*, Raul Azevedo; *Hymno á carne*, Theodoro Rodrigues; *Musa bohemia*, Natividade Lima; *Musa em leilão*, Guilherme de Miranda; *Céo côr de rosa*, João Baena; *Lettras*, Getulio dos Santos; *Luares*, Luiz Lobo.

O artigo primeiro do *Minador*, estatutos da Mina, é assim redigido: “A sociedade *Mina Litteraria*, fundada neste Estado do Pará, tem por objectivo a maior fraternidade entre os seus associa-

dos e o desenvolvimento da litteratura amazonica, por todos os meios a seu alcance.”

Não podia ser mais breve e completa a noticia do velho órgão fluminense.

A inauguração da *Mina Litteraria* teve lugar no dia 1.º de janeiro de 1895, no salão nobre do Theatro da Paz, sendo orador official do acto o mineiro dr. Paulino de Brito.

Faziam parte do seu quadro social como *mineiros* activos: Guilherme de Miranda, Acrisio Motta, Eustachio de Azevedo, Bertoldo Nunes, Theodoro Rodrigues, João Baena, Luiz Lobo, João de Deus do Rego, Cantidiano Nunes, Ovidio Filho, Maria Valmont, Euclides Dias, Fabiliano Lobato, Manoel Barbosa, Arthunio Vieira, Candido Costa, Maia Filho, Manoel Barreiros Lima, Fran Paeco, Albuquerque Mendonça, Luiz Barreiros, Esmeralda Cervantes, Barão de Marajó, Arthur Lemos, Ignacio Moura, Antonio Macedo, Anesia Shussler, Guajarina de Lemos, Antonio de Carvalho, João Marques de Carvalho, Licinio Silva, Americo Azevedo, Arthur Vianna, Euclides Faria, Leopoldo Sousa, Raul Azevedo, Paulino de Brito, Natividade Lima, Marcos de Carvalho, Carlos Victor, Juvenal Tavares, Vilhena Alves, João Lucio de Azevedo, Alvares da Costa, Olavo Nunes, Getulio Santos, Manuel Lobato, Emilio Galdi, Alcides Bahia, Barroso Rebello, Eustachio Pereira (Faneca), Rodrigues do Valle, Marcolino Fagundes, Agostinho Vianna, Frederico Rhossard e Severiano de Albuquerque, muitos dos quaes hoje mortos.

Honorarios: Drs. Lauro Sodré, Serzedello Corrêa, Paes de Carvalho, Americo Santa Rosa, Conselheiro Tito Franco de Almeida e Barão de Guajará.

Havia tambem um numero selecto e escolhido de *mineiros* correspondentes.

Era uma associação luzida a *Mina Litteraria*. A' sua influencia deve o Pará a criação de uma outra sociedade litteraria, que floresceu nessa epoca, e que deixou nota de destaque tambem. Era constituída por jovens estudantes do Lyceu Paraense, alguns delles em fóco hoje no meio social de Belem, outros desapparecidos.

Quero falar da sociedade litteraria *Ordem e Progresso*.

Foi fundada em 1895, mezes depois da *Mina*, tendo por séde a casa do hoje distincto medico dr. Rodrigues dos Santos, á estrada de Nazareth.

Eis os nomes dos seus principaes membros, uns mortos já, outros occupando posições honrosas: Pericles Moraes, jornalista em Manaus; drs. Rodrigues dos Santos, Affonso Mac-Dowell e Dias Junior, medicos; guarda-livros Raymundo Cesario da Silveira, Heraclito Ferreira, Zulmiro Barbosa, Henrique Leite e Alberto Leite; commerciantes Manoel Faria Barbosa e Aristides dos Reis e Silva; engenheiros Leonidas Martins, Vicente Maués e Philignesio Penna de Carvalho; maestro Paulino Chaves; Julio Indio Parintins Pereira, official do exercito; bacharel Misael Seixas e outros que, se não abandonaram por completo as lettras, abraçaram carreira diversa.

A *Ordem e Progresso* seguia assim, os passos da *Mina*, promovendo sessões civicas, commemorando as grandes datas nacionaes, havendo todos os domingos reuniões ordinarias.

Teve o seu jornalzinho, *Ordem e Progresso*, estampando no cabeçalho o lemma positivista:

“O amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim”, sendo principal redactor o sr. Raymundo Cesario da Silveira e gerente o dr. Manoel W. Rodrigues dos Santos.

A *Mina Litteraria* fechou com chave de ouro sua existencia proveitosa de labor constante, de uteis estudos, forçada pela scisão que se operou em seu seio com a fundação do *Centro Litterario Amazonico*, a ida de muitos de seus membros para o sul da Republica e a morte prematura de dois de seus fundadores: Natividade Lima e Leopoldo Sousa.

Enfraquecida, extinguiu-se, por fim, deixando do que foi e do que fez provas patentes do muito que valia.

A chave de ouro com que encerrou seu cyclo foi o livro *Coelho Netto e a “Mina Litteraria”*, homenagem da associação ao glorioso escriptor nacional, collaborado por todos os *mineiros*, em 1899.

A *Mina Litteraria*, pelo seu feitio especial e originalissimo, pelo esforço de seus membros, pelos trabalhos que publicou e pela propaganda tenaz que fez das lettras nortistas, até hoje, tem sido *unica*.

Editou os seguintes livros: *Brado d’Armas*, poemeto, de Natividade Lima; *Nevoeiros*, versos, de Eustachio de Azevedo; *Alma Nova*, phantasias, de Eucluydes Dias; *Paginas Avulsas*, artigos e chronicas, de Alvares da Costa; *Maria Luiza*, romance naturalista, de Ovidio Filho; *A viuva*, novella naturalista, de Eustachio de Azevedo; *Coisas Profanas*, poesias, de Acrisio Motta; *Coelho Netto e a Mina Litteraria*, por varios *mineiros*, o que revela esforço herculeo, se attendermos ao preço elevado das edições no norte do Brasil

e aos poucos recursos da associação e seus membros.

O proprio *Centro Litterario Amazonico*, que concorreu para o seu enfraquecimento, desmembrando-a, nada adeantou com isso, nada fez, morrendo como havia nascido, ingloriamente, sem nada produzir de efficaz, de util e duradouro.

Dahi por deante tem apparecido e desaparecido, como meteóros, um rôr de associações litterarias no Pará:

Officina Litteraria, em 1899, orgão: *Officina Litteraria*; *Club Coelho Netto*, *Apostolado Cruz e Sousa*, *Gremio Estudantino Paraense*, em 1900; orgãos: *O Cenaculo*, *O Oraculo e Pallas*; *Gremio Litterario Fagundes Varella*, em 1901, orgão: *O Estimulo*; *Gremio de Lettras*, em 1902, orgão: *A Epocha*; *Congresso Tibiriçá de Lemos*, em 1903, orgão: *A Via-Laetca*; *Escola Litteraria Antonio Lemos*, orgão: *A Lettra*, 1904; *Officina de Lettras*, em 1904-1907, orgãos: *O Tupá e O Sol*.

De todas estas, é de justiça salientarmos o *Gremio Litterario Fagundes Varella*, que foi, na verdade, um nucleo de jovens estudiosos e de talento, que, por vezes, mereceram applausos.

O Pará é fecundo tambem em revistas litterarias, sendo de lamentar a ephemera duração dellas: se não, vejamos a lista: *O Atheneu e A Alvorada*, em 1889; *O Labaro*, em 1899; *Bohemia Litteraria*, *O Parnaso*, *o Extremo Norte*, *O Bohemio*, em 1901; *Pará Revista*, *O Estudante e O Ideal*, em 1903; *A Voz Litteraria*, em 1904; *A Revista do Equador*, em 1905; *O Pará Moderno*, em 1906; *A Revista Academica*, em 1911; *A Illustração Paraense*, em 1912-1914; *Caraboo*, *Ephemeris*, em

1916; *O Ensino*, bella revista dos alumnos do Instituto Lauro Sodré, em 1918; *A Guajarina*, 1918 e *A Semana*, 1918-1921, que parece querer resistir e vencer, bem como a bem organizada *Revista do Instituto Historico e Geographico do Pará*, que está já no seu terceiro anno.

Floreceram ainda, de 1899-1920 outros nucleos de vida curta e ingloria, como a *União Estudantina Gonçalves Dias*, a *União Estudantina Benjamin Constant*, *A Bohemia Litteraria*, *Estudantina Bezerra de Albuquerque*, a *Galeria de Letras Rio Branco*, a *Sociedade dos Homens de Letras do Pará*, a *Escola Litteraria Olavo Bilac*, o *Cenaculo dos Novos*, a *Academia de Poetas Paraense*, a *Academia Paraense de Lettras*, a *Sociedade Paraense de Sciencias e Lettras*, e mais alguns, que os jornaes annunciam, porém que não chegam nem no periodo da sessão de installação; o que quer dizer que ha enthusiasmo e amôr ás lettras, mas falta persistencia e amôr ao trabalho.

Annos atraz, verdejaram tambem na capital do Pará, duas sociedades litterarias distinctas, nos primórdios quasi da sua vida intellectual, apparecendo a primeira em 1847, com o titulo de "Philomatica Paraense", publicando uma revista semanal, o "Jornal da Sociedade Philomatica Paraense", que dava conta das lucubrações litterarias de seus membros, e a "Aurora Litteraria", fundada em 1875, tendo por orgão um bem feito jornalzinho a que deram o promissor titulo de "A Aurora".

E nada mais.

Entretanto, nestes ultimos annos, appareceram dois nucleos de intellectuaes que conseguiram sua estabilidade no Pará e se acham solida-

mente firmados: A *Associação da Imprensa* e o *Instituto Historico e Geographico*.

A *Associação da Imprensa*, fundada a 24 de novembro de 1912, com os antigos elementos do extinto *Circulo dos Reporters* em fusão com os jornalistas e homens de letras do Pará, tem tido uma existencia fructuosa e brilhante, promovendo commemorações civicas, iniciadas em 1914 com a passeata que relembrava patrioticamente a data gloriosa para o Exercito brasileiro, da batalha de Tuyuty, em 24 de maio, fazendo-se ouvir varios oradores, deante de grande massa popular, em delirio.

Dahi por deante não cessaram mais as suas sessões patrioticas, as homenagens civicas, as recepções e festas altruisticas, fazendo-nos recordar a phase fulgente da *Mina Litteraria*, que teve, em fim, na *Associação da Imprensa do Pará* a sua digna e fulgurante substituta.

Foi seu primeiro presidente o laborioso jornalista paraense Jayme Calheiros, seguindo-se-lhe Manuel Lobato, Severino Silva, Luiz Barreiros e João Alfredo de Mendonça, tendo-lhe prestado inestimaveis serviços José Santos, J. J. Monteiro de Paiva, como seu activo e incansavel thesoureiro; Julio Lobato, Franklin Palmeira, Heraclito Ferreira, Alexandre Trindade, Avertano Rocha e dr. Baptista Moreira, este ultimo como seu orador brilhantissimo e digno de menção especial.

A *Associação da Imprensa*, por Decreto do Governo, e de accôrdo com lei votada pelo Congresso do Estado, em 1917, foi considerada como associação de utilidade publica.

O *Instituto Historico e Geographico*, cuja instalação solenne foi a 6 de março de 1917, no

Theatro da Paz, em conjuncto com a sessão magna commemorativa da Revolução Republicana de 1817, promovida em homenagem aos Heróes pernambucanos pela *Associação da Imprensa do Pará*, é hoje, sem contestação, uma associação importantissima e de real prestigio. Suas festas são tambem dignificadoras e patrioticas, tendo já levado a effeito duas exposições de sua *Galeria Historica*, no salão de honra do Theatro da Paz, onde se fizeram ouvir oradores diversos, enaltecendo os meritos e virtudes dos vultos mais proeminentes do Brasil, exposição a que assistiram além de pessoas gradas, as crianças das escolas e grupos escolares, alumnos de collegios normalistas e o povo.

Possue uma bem organizada revista, que já vae no seu 3.º anno, e que é collaborada por penas selectas e de reconhecido prestigio.

Foi esta a sua primeira directoria: dr. Ignacio Baptista de Moura, presidente; dr. Henrique Santa Rosa, vice-presidente; dr. Palma Muriz, 1º secretario, e todos engenheiros distinctos; dr. Joaquim Arruda Falcão, 2.º secretario; dr. Luiz Estevão de Oliveira, orador, e sr. José Joaquim Pereira de Araujo, thesoureiro.

São da commissão de geographia e ethnographia os drs. José Ferreira Teixeira e Eladio de Amorim Lima e major Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, este ha pouco fallecido; da de historia e archeologia, os drs. Augusto Octaviano Pinto, Theodoro Braga e Ezequiel Antunes; da de redacção da "Revista", drs. Americo Campos, Emmanuel Sodré e Luiz Barreiros.

O *Instituto Historico e Geographico do Pará* foi tambem considerado de utilidade publica pelo Governo do Estado.

A estas associações deve, pois, o Pará, iniciativas louváveis, tornando o seu nome desdobrado e mais patente, como Estado progressivo e futuroso, não só nos outros Estados da União brasileira, como no estrangeiro.

Antes de entrar no capitulo final deste livrinho, não me posso furtar ao desejo de fazer ainda algumas citações de intellectuaes distinctissimos.

Do valente grupo de rapazes que pertenceram á *Mina Litteraria*, tornaram-se merecedores de registo á parte os seguintes, já citados em blóco:

NATIVIDADE LIMA, nascido em 1871 e fallecido 26 annos depois, a 9 de junho de 1897, data em que a elegante Musa patricia se cobria de pesado crépe, e em que o aureo e harmonioso pavilhão das Rimas erguia em funeral o seu estandarte azul. E' que mais um vencido da vida desaparecia, deixando um claro impreenchivel na litteratura nortista.

Parece-me vel-o ainda na phase brilhante da *Mina*, infatigavel, nervoso, cheio de boa vontade, a confeccionar estatutos; a promover comicios; a annunciar conferencias e saráos; a organizar sessões civicas; a propôr socios; a escrever officios a intellectuaes sulistas e europeus, sempre com idéas novas a illuminar as nossas reuniões, fazendo vibrar a sua voz forte de mestiço de talento.

Causeur insinuante, pontilhava sempre as nossas palestras com a *vis* de seu fino espirito, sendo elle a alegria viva das rodas bohemias.

Deixou inéditos um livro de poesias, a "*Musa Bohemia*", e varios contos e phantasias, ten-

do publicado um pamphlete nacionalista, causticante, a que deu o titulo de "Brado d'Armas".

Vinte e tres annos depois de sua morte, dois amigos seus realizaram uma idéa que haviam concebido: a publicação do livro de poesias do saudoso paraense, morto no vigor da mocidade, e cuja obra inédita elle deixára, já doente, na mão de um delles.

Mais de um quarto de seculo Olavo Nunes conservou com carinho o acervo poetico de Natividade Lima, até que de mãos dadas com o auctor destas linhas, em outubro de 1920, os dois amigos do poeta deram publicidade ao livro, numa cuidada edição de 150 paginas, com um pre"acio original e humoristico, do punho de seu saudoso auctor.

Os versos foram publicados tal qual os escrevera o poeta, á fóra alguns erros e cochilos de revisão, que passam sempre, mesmo em edições bem cuidadas.

Como homenagem saudosa, extrahimos da "Musa Bohemia", do inesquecivel e inditoso bardo, os sonetos que abaixo vão:

FOME E SÊDE

Ha muito, minha flôr de primavera,
Suspira e geme e desfallece e chóra,
Por que delle distante estás agora,
O que a vida contente por ti déra...

Meu coração—indominada féra—
Que o teu sorriso dominou outr'ora,
Sem a luz resplendente dessa aurora,
Na jaula de meu peito desespera!

Em trevas vivo; faltam-me os lampejos
Da luz do teu olhar, os meus caminhos
Iluminando, ó flôr dos meus desejos!

Pomba! regressa aos teus antigos ninhos...
Minha bocca tem fome de teus beijos,
Meu coração tem sêde de carinhos!...

SONETO ELEGANTE

A' "SIGNORINA" THEA.

De claque e luvas, que nas mãos atraca,
passa o fidalgo e triumphal soneto;
veste o collete branco do quarteto
dentro do molde justo da casaca.

Na treva dos sapatos se destaca
fivella d'ouro sobre laço preto;
nos pés, que minha mão, ambos, abraça
calça as meias bordadas de um terceto.

No seio negro, brilha, da lapella
a rubra pompa duma rosa aberta...
A luneta nos olhos abroquela...

E grave, erecto, varonil, solenne,
deita fóra o charuto e o braço offerta
â trescalante *señorita* Irêne!

LOUCO INTENTO

Quando eu a vi... não me recordo agora
se Vesper scintillava na planura
azul, ou se brilhava a formosura
do regio sol, immensidade em fóra.

Mas, fosse noite ou resplendente aurora
certo é que a vi, repleta de ternura,
amamentando a loira creatura,
que gerára, do Amor na feliz hora.

Entregava-lhe o seio palpitante,
turgido e nú, liberto do empecilho
da rendada camisa deslumbrante...

tinha no olhar não sei que mago brilho
e, ao contemplal-a assim, naquelle instante,
inveja eu tive de não ser seu filho!

HIPPICO

artola branca, larga fita preta
Na maciez do feltro se enroscando;
Camisa leve, dum tecido brando,
Com tufos de bordado e setineta;

Casaco aberto, senhoril luneta
O nariz afilado cavalgando;
Comprida saia ao vento pannejando...
Passa a cavallo a divinal Julieta!

O baio as patas, com firmeza, bate
Num trote inglez; a turba rumoreja...
Reluz ao sol a estrella do acicate!

Descança as mãos no cabo da chibata,
Erguendo a fronte para que se veja
Um rubi scintillando na gravata!

Convém chamar a attenção da critica para
a data em que estes versos foram escriptos—23
anos atraz—por um poeta provinciano, de 26,
incompletos; e então se poderá fazer uma idéa
do formoso talento de seu joven auctor.

GUILHERME DE MIRANDA estreou-se como poeta pelas columnas do "Diario de Belem", em 1887. Foi em 1894 um dos redactores da "Gazeta Postal", tendo sido um dos fundadores do *Gremio Litterario Sylvio Romero* e da *Mina Litteraria*.

Seus versos são todos lyricos, melodiosos, correntes, tendo infelizmente deixado inédito o volume que organizára com o titulo de "Musa em leilão". Falleceu em 31 de agosto de 1909, tendo nascido no dia 1.º de maio de 1870.

AGOSTINHO VIANNA, *conteur* admiravel e chronista fecundo, dramaturgo, auctor de algumas revistas de anno interessantes, era um mania-co pela arte dramatica, conhecendo a fundo todas as peças theatraes, antigas e modernas, criticando-as, *au jour le jour*, com proficiencia e criterio, bem como dando a sua opinião sobre o trabalho de seus interpretes.

Jornalista infatigavel, tornou-se um forte combatente em pról dos alliados, durante o periodo agudo da guerra européa, não se cansando de zurzir valentemente os vandalos germanicos.

Seus contos litterarios, de feição naturalista, muitos firmados com o pseudonymo que adoptára de *Leonor da Silveira*, são bem feitos, originaes, como os que intitulou *Melopéa das aguas*, *O Zé Thomaz*, *Bemdito seja o fructo*, *Conto do Natal*, *João José*, *O Zé da Engracia*, estudos physio-psychologicos interessantes, trabalhos conscienciosos de um fino observador do meio em que vivia, deixando-os, infelizmente, esparsos pelas paginas da "Revista do Norte", do Maranhão; "Folha do Norte", "A Provincia do Pará" e "A Revista", do Pará.

Falleceu a 8 de janeiro de 1916.

DR. ALVARES DA COSTA.—Foi um dos socios fundadores da *Mina Litteraria*, occupando o honroso cargo de seu presidente.

Formado em direito pela Academia do Recife, alli publicou o seu primeiro livro *Ensaio de Critica*, obra hoje rara, valiosissima, de critica litteraria, que o sagrou escriptor de muito merito e valor, citado por Sylvio Romero como critico de talento e criterio.

Publicou varios trabalhos, como *Paginas Avulsas*, *Catecismo Deista* e outros, tendo deixado inédito um livro de inspiradas poesias.

Falleceu na cidade de Macapá, onde exercia sua actividade como advogado.

THEODORO RODRIGUES era um dos mais inspirados poetas da geração de seu tempo, tendo tomado parte saliente no movimento da *Mina Litteraria*. Deixou poesias admiraveis, como as que intitolou *Os dois gigantes*, synthese de um poema sobre a abertura do Amazonas, *Flôr do Rio Negro* e outras. Era mestre da lingua portugueza, tendo deixado um *Compendio de Historia do Brasil*, em 1896; *Canções do Norte*, em 1909; *Palidos*, seu livro de estréa (1895) além de outros que ficaram inéditos. Possuia o diploma de professor normalista, tendo fallecido a 20 de outubro de 1912. (1.º)

Antonio de Carvalho Joaquim Sarmanho, Padua Carvalho, Alfredo Pinto, Alcibiades Neves, Eustachio Pereira (Fanéca), Hermeto Lima, An-

(1.º) Vide "*Anthologia Amazonica*", 2.ª edição, 1918.

tonio Silva, Armando Bello, Olavo Nunes, Flavio Cardoso, Medeiros Lima, fulguram no Parnaso nortista, occupando logar saliente na litteratura paraense, denunciando todos elles, nos livros que escreveram, apurado gosto esthetico. (1.º)

Nesta linha scintillante de prosadores e poetas, não devem ficar no olvido Alberto Dias, Alcides Bahia, Manuel Lobato, João Nilson, Euclydes Dias, João Baena, Julio Carneiro, que tomaram parte activa no movimento litterario do Pará de 1894-1904, conseguindo arcar contra a indifferença balôfa dos musulmanos das letras. (2.º)



Data da epocha da fundação da Faculdade Livre de Direito do Pará, a apparição na imprensa do Pará, e nas reuniões sociaes, de alguns rapazes estudiosos que á Belem vinham em busca de um pergaminho de bacharel, e que começaram a fazer vida espiritual com os estudantes filhos do Estado, em encantadora confraternidade.

Surgiram então os nomes de Augusto Meira, João de Figueiredo, Ferreira dos Santos, Alfredo Lamartine, mestres de direito, philologos e estylistas elegantes; Tito Franco de Almeida, o scintillante cantor de *Dona Branca*; Carlos Nascimento, poeta e philologo; Severino Silva e Elysen Cesar, poetas, jornalistas e oradores de surtos felizes;

(1.º) Vide "*Anthologia Amazonica*", 2.ª edição, 1918.

(2.º) *Idem, idem.*

Carlos D. Fernandes, poeta e culto jornalista; Vespasiano Ramos, Maranhão Sobrinho e Rocha Moreira, parnasianos, esotéricos e pantheistas; Dejard de Mendonça, jornalista e poeta, o philosopho moralista do “Evangelho de meu filho”; Martinho Pinto, Camerino Rocha, Alves de Sousa e Terencio Porto, poetas e jornalistas; Fléxa Ribeiro, o symbolista do “Sól”, e da “Litania Pagan”; Julio de Lacerda, Carlos B. de Sousa, Teixeira de Lemos, Humberto de Campos, que publicou seus primeiros versos e chronicas na “Folha do Norte”, em 1905-1909, passando-se depois para “A Provincia do Pará” e dahi para a imprensa do Rio de Janeiro, onde foi sagrado membro da Academia Brasileira de Letras; Deodoro de Mendonça, Oscar Guimarães, Antonio Bernandes e outros, a que se uniram mais tarde Penna e Costa, poeta e chronista incisivo e de combate; Genaro da Ponte e Sousa, jornalista, poeta e escriptor theatral; Lucidio Freitas, o torturado e saudoso creador de “Vida Obscura”; Cursino Silva, o melancolico poeta dos “Sarçaes”; Franklin Palmeira, Alcides Gentil, Martins Sant’Anna, Licinio Bastos, Elmano Queiroz, D’Artagnan Cruz, afeiçoado aos dramas pastoris; Apollinario Moreira, inspirado tribuno; Hamilton Barata, Remigio Fernandez, João Pereira de Castro, Nogueira de Faria, Albano Vieira, o saudoso estheta do “Humbral de rosas”; José Simões, Martins Napoleão, M. Braga Ribeiro, diligente e estudioso historiographo; Jorge Hurly, ethnographo e jornalista; Tito Cardoso de Oliveira, escriptor didactico e educacionista; padre Estevan da Costa Teixeira, poeta; Firmo Cardoso, competente historiographo; Sergio Olindense, poeta e jornalista;

Raul Bopp, joven poeta sul-riograndense, coração de bohemio e alma de artista; Eduardo Ribeiro, Bruno de Menezes, Queiroz de Albuquerque, Ernani Vieira, Elzamann de Freitas, Wladimir Emmanuel, todos elles poetas de musa original e bizarra.

Foram assim surgindo as já citadas revistas "Ephemeris", "Revista Academica", "Guajarina", onde scintillava a *verve* fina de Peregrino Junior, como chronista humoristico; "Illustração Paraense" e outras, dando impulso á litteratura regional, seguindo cada qual o seu rumo esthetico: parnasianos, lyricos, realistas, symbolistas, evolucionistas a seu turno, sem ponto fixo commum.

Além dos já citados neste trabalho são ainda dignos de menção os seguintes JORNALISTAS que têm tido vida operosa e activa na nossa imprensa diaria, muitos delles já fallecidos, outros ainda na brecha:

Monsenhor Mancio Caetano Ribeiro, Amado de Campos, Eugenio Ataliba, Alfredo Pinto, Raymundo Trindade, João Alfredo de Mendonça, Cesar Coutinho de Oliveira, Anyone Costa, Padre Dubois, Hdefonso Tavares, Anthenor Cavalcante, Ludovico Lins, Romeu Mariz, João Campbell, Manuel Cantuaria, Parsondas de Carvalho, Frederico Rhossard, pae; Bertino Miranda, Mario Cattaruzza, Alfredo Sousa, Estephanio Barroso, Barbosa Rodrigues, Licinio Silva, Alvaro Fausto, Domiciano Cardoso, Eneas Martins, Castro Pinto, Bianor Penalber, Fraga de Castro, José Galdino, Jayme Bricio, Americo Santa Rosa, Julio Moniz, Paula Queiroz, Bento Aranha, Raymundo Nina Ribeiro, Fran Paxeco, Francisco Cerqueira,

Geraldo Barbosa de Lima, Celso Vieira, Vicente Chermont de Miranda, Raymundo Moraes, Eladio Lima, conego Andrade Pinheiro, Valente de Andrade, João Affonso do Nascimento, Luiz Santos, Candido Costa, conego Crolet, Raymundo Joaquim Martins e outros.



Escriptoras, o Pará também tem tido algumas, de merecimento, desde as distinctas educacionistas Virginia de Faria Alves da Cunha e Anesia Shussler, acatados nomes do magisterio superior do Estado, até a mais moderna de suas poetisas que é Naide Vasconcellos.

Dos albores da Republica á época da *Mina Litteraria* distinguiu-se nas lettras nortistas o vulto esbelto e seductor de MARIA SIMÕES, poetisa de versos quentes e sentimentaes, que por vezes tomou parte nas nossas tertulias litterarias, salientando-se pelo seu espirito fino de *causeuse* imaginosa e attrahente. Era collaboradora assidua do "Diario de Noticias", de propriedade de João Campbell e do qual eram redactores Padua Carvalho, Juvenal Tavares, Domingos Olympio e outros, tendo publicado um livro de poesias a que deu o romantico titulo de "Lyrios d'Alma" e onde ficou enfeixada a parte mais selecta de suas producções.

Foi a nossa primeira poetisa, pôde-se assim dizer, porque até então, que eu saiba, vulto nenhum feminino se animára, no Pará, a apparecer em publico, vasando suas idéas e phantasias pela imprensa, restringindo-se á collaboração dos albuns.

ELMIRA LIMA, já da phase actual, deve ser collocada em logar de destaque, como a mais trabalhadora e a mais fecunda de todas; além de poetisa de delicado plectro e rigorosa metrica, é jornalista brilhante, batendo se no seu jornal "Alma e Coração", em pról da doutrina espírita, da qual é crente convicta, possuindo já dois volumes intitulados "Na seára de Jesus", onde reaffirma o que préga como evangelista da religião de Allan. Em 1914 publicou um livro de poesias "Alma em rythmos", que mereceram da critica longos e justos encomios.

Antes, o espirito culto de MARIA VALMONT apparecera pelos jornaes e revistas litterarias, firmando contos, phantasias e estudos pedagogicos, em estylo bem cuidado e de encantadora leitura, tendo feito parte do grupo da *Mina Litteraria*. Ultimamente, porém, parece ter abandonado o terreno de suas phantasias para se dedicar unica e exclusivamente á educação da infancia, no collegio que abriu, como professora normalista de tirocinio distincto e de real competencia.

Outras que abandonaram a actividade litteraria foram SIRENA VALENTE e GUAJARINA DE LEMOS, cuja intelligencia, por vezes, ao lado de Maria Valmont, fulgurou em revistas e pelas columnas da "Provincia do Pará" e da "Folha do Norte", em lindos contos e phantasias, pondo-lhes o casamento remate ás lucubrações litterarias.

GUILLY FURTADO BANDEIRA pontificou na litteratura indigena, chegando mesmo a ser membro da "Academia Paraense de Lettras", que teve a vida das borboletas azues... Publicou um livro de contos e phantasias a que deu o titulo de

“Esmaltes e Camafeus”, tendo, tambem, com o casamento, abandonado a seára tentadora das lettras.

São da actualidade, Adelia Lacerda, um fino espirito de mulher, culto e productora de bons escriptos, de conferencias pedagogicas, contos e chronicas, denunciadores de seu talento, e ENEIDA COSTA, até pouco tempo secretaria da “A Semana”, de Alcides Santos, onde deixou traços de seu espirito juvenil, bizarro e galhofeiro, servindo-lhe tambem de entrave á continuacão da expansão do talento, o que se torna lamentavel nos nossas belletristas, o enlace matrimonial, como se não tivessem o exemplo, no sul do Brasil, em Ibrantina Cardona, Carmen Dolores, Julia Lopes de Almeida e, aqui mesmo, em Elmira Lima, que, depois de casadas, mais se impuzeram e maior brilho dão ao talento, como poetisas, jornalistas e romancistas de renome firmado.

Outros nomes ainda são dignos de breve citação, e agora o numero é maior, sendo para lamentar que suas donas não appareçam com assiduidade mais accentuada, apresentando-nos as delicadas produções de seu intellecto pelas columnas das folhas diarias, pelas paginas das revistas e mesmo em livros de prosa e verso.

Assim, acóde-nos á memoria os nomes da doutora AURORA MARQUES, competente advogada no “forum” paraense e oradora inspirada, a primeira senhora que no Tribunal do Jury do Pará subiu á tribuna para defender um réo; Laura Bezerra, Esmeralda Monteiro, Luna Graça Fortunato, Guilhermina Gusmão, Estrella Zagury Benayon e Esther Porto Nunes, que por vezes têm collaborado na “Folha do Norte” e na “Re-

vista do Ensino”, publicando artigos instructivos e phantasias.

Destacamos deste grupo encantador, como as mais activas, as modernissimas MARIA STUART DE FIGUEIREDO, FRANCISCA SANTOS e a já citada NAIDE VASCONCELLOS, prosadora fluente a primeira, e gentis poetisas as duas ultimas, que nos têm brindado com bem urdidos artigos, contos e poesias, pelas columnas dos jornaes paraenses e das revistas “A Cigarra” e “A Semana”, podendo ser mais tarde, pelo apuro e cultura de seu espirito, fecundas e notaveis escriptoras, se o casamento não vier tambem cortar-lhes o vôo...

Da ultima, de Naide Vasconcellos, a mais joven de todas, e que parece ser a mais inspirada tambem, como poetisa mimosa que é, aqui deixamos engastado este bem feito soneto:

UM PEDAÇO DO CÉO...

Se eu vos disser que a todo instante vejo
Um pedaço do céu a me seguir,
Direis de prompto, sem temor, sem pejo,
—Pobre doida! Esta deu para mentir!

E eu vol-o affirmo! Não é vão gracejo
Nem é loucura que vos faça rir:
Desde quando nasci, sempre o entrevejo
Através do meu pranto a me sorrir...

Na torturosa senda que percorro
Me acompanha... Elle é sempre o meu soccorro
Quando a desgraça para mim se inclina...

E' minha mãe, do céu esse pedaço,
Que me segue, na vida, sem cansaço
Aplacando o rigor da minha sina!



SONETOS PARAENSES



SONETOS PARAENSES

Cabocla

A Civilização barbara e fria,
na vertigem dos surdos destruidores,
avassallou-te a indomita energia
com a truculencia dos conquistadores...

Ao delirio invasor, que te espolia,
de arremessos vesanos e traidores,
a selva accorda em trépidos rumores:
—muda é a rôla, a flôr murcha, a agua **sombria.**

Mas na tua alma de hoje, inquieta e dubia,
rumoreja a alma heroica do teu povo,
o maracá chocalha, silva a inúbia.

E, exilados das pompas florestaes,
choras, á pampa e ao sol de um mundo **novo,**
—só e triste na terra dos teus paes.

Severino Silva

Negra

Das veigas claras, do sertão fecundo,
em levadas numerosas e dolentes
—horda bastarda, escoria vil das gentes,
chegaram teus avós ao Novo Mundo...

Alma suave e piedosa, nunca intentes
a conquista do Bem, do céu oriundo...
Hão de insular-te em vallo negro e fundo
os senhores hostis e indiferentes...

E, entretanto, humilhada, vida a fóra,
oh! flôr nocturna, em visos desvairados
 vaidades fátuas mangas e profanas...

Mas, no teu canto, quando cantas, chora
a saudade dos teus antepassados
que dormem nas florestas africanas.

Severino Silva (1)

(1)—Severino Silva é considerado o primeiro poeta
d'Amazonia, da actual geração.

Vae!

Para o agitado amôr faces voltadas,
todo embebido em languido conforto,
partes. Buscas de novo o mesmo porto,
través da luz das mesmas alvoradas.

Nota que o mal, como a Jesus, lá no horto,
anda a espiar-te e a chegar. Dôres cerradas,
como outras tantas lâminas de espadas
hão-de, certo, deixar-te outra vez morto...

Si és, Coração, dos Corações capazes
de coragens, de coleras audazes,
vae, Coração, apressa o passo, corre...

Que importa a morte além te aguarde, certa?
Um novo mundo de illusões desperta
em cada mundo de illusões que morre...

Tito Franco

Benedicite

Bemdigo o germen que fecunda e anima
O que do informe vem para o conforme.
Bemdigo a força que transforma e lima
E dynamisa a cellula que dorme.

E bemdigo o trabalho multiforme
Que toda a vida universal collima;
Tudo que nasce de um esforço enorme
Vem successivamente para cima.

Mas, dentre tudo que é semente viva,
E dentre tudo que produz e dentre
Tudo que é farta e viva sementeira,

Bemdigo sempre a gloriosa e activa
Força ovular do abençoado ventre
Que me fez homem para a vida inteira.

Dejard de Mendonça

Monologo de um cego

Deus! essencia do Bem! Ha sessenta annos vivo
dentro do meu Negror, dentro de minha Treva!
Ha sessenta annos tenho o espirito captivo
desta Noite sem fim, que a Morte, emfim, não leva!

Deus! essencia do Bem! Manda-me um lenitivo
a esta Dôr immortal que de pavor se ceva!
Como queres que eu creia em teu Poder activo,
si não vejo o Fulgor que teu Poder eleva?

Deus! essencia do Bem! Ha sessenta annos cego!
Só! Perdido no Mundo e perdido no pégo
da eterna Escuridão, mordido de desejos!...

Como queres que eu creia em teu Poder eterno,
se ha sessenta annos tenho, a consumir-me, o inferno
destes olhos sem luz, desta bocca sem beijos?...

Alves de Sousa

Volupia posthuma

Como duma floresta espessa e verdejante,
Em que o virgem perfume embriaga e entontece
Aspiro de teu corpo o aroma entoxicante;
Todo o meu organismo em delirio estremece.

Carne nova e sadia, ó vergel loirejante,
Onde a vermelha Flôr victoriosa florece!
Num estremeccimento, um Desejo anhelante
Busca-te a soluçar, e a soluçar fallece.

Rosa-de-fogo aberta, intensamente rubra,
Queres, insaciada, o sol para queimar-te,
E após nelle morrer numa allucinação...

E quando a Terra fria o corpo frio cubra,
Ainda has de sentir, como que a despertar-te,
A volúpia final da Decomposição!

Flexa Ribeiro

Symbolos humanos

NUM RETRATO DE MINHA ESPOSA

Teus olhos—duas imperiaes ancillas
De oiro em pó e luar,—são mais brilhantes,
Que as incendidas, vividas pupillas
Das sete—estrellas palpitas, distantes.

Por elles, céos em fôra—bandeirantes
Que a exilios vão deixar novas tranquillias,
Como á distancia, por minh'alma, dantes
Scintillavas, tambem, hoje, scintillas!

Lá da esphera armilar onde os deponho,
Para de cima illuminarem tudo,
Tudo o que existe, em baixo, no meu sonho.

São como o ascenso, longe, dos Cruzeiros,
Ponto de luz ferindo o cérne agudo
A' anciedade feliz dos marinheiros!

Albano Vieira



Invocação

Doce mãe de Jesus, Nossa Senhora
Do Desterro, desterra por piedade,
Dos corações dos que são maus, agora,
O veneno perverso da maldade.

Do Teu riso, por sobre a Humanidade
Virgem de Nazareth, a excelsa aurora
Distende, quando a colera devora,
Nos bons, os sentimentos de humildade.

Faze que eu seja por manhãs doiradas,
Alheio á magua que provém da lida,
Como Tu foste á dôr das Sete Espadas.

A teus pés minha prece sóbe em hymnos!
Mãe dos Homens, protege a minha vida
E abençâ meus filhos pequeninos.

Rocha Moreira

Duello

—Vamos ao duello. Põe-te em guarda e lança,
a fundo, rapido e certo bôte,
disse-me Vhulda, e saculindo a trança,
deitou por terra o esplendido capote.

Travamos lucta. Seu florete alcança
o meu florete, e, á curva do decote,
um par de guardas lubricos, avança,
sob o pomposo e fino chamalote.

E eu tremo ao vel-os: são demais valentes,
esses guerreiros de alabastro e rosa,
e de altos capacetes escarlates...

Elles desfrallam tumidos e ardentes,
—de neve e pedra—a flammula radiosa,
das luctas d'alma e dos carnaes combates!

Nogueira de Faria



Elogio da dor


Não comprehendes minha Dôr. E assim
E' que sorris, alma pequena e fria.
Vieste da noite para a noite, e eu vim
Do meio-dia para o meio-dia...

A Dôr que chora, viva, dentro em mim,
Paira muito distante da Alegria...
Dôr é saudade do Princípio... e é o Fim
Amargo e humano da Sabedoria...

E' o pensamento voando, inquieto e afflicto;
E' a alma voando, inquieta e incomprehendida,
Para o Céu, para o Azul, para o Infinito...

E' a ancia de glorias, perfeições, ideias...
E' a febre de plasmar dentro da Vida
Todas as sensações universaes...

Lucidio Freitas



Regresso...

Logo que me afastei dos teus carinhos
vindo para a primeira nostalgia,
por onde andava, em lagrimas, sentia
cardos aos pés, em toda a parte espinhos.

Em tudo o fundo hediondo se imprimia
dos sentimentos falsos e mesquinhos.
Té os cantos dos passaros nos ninhos
tinham sonoridades de ironia.

Após a noite da saudade, ao lar
que a chamma da virtude purifica,
volto, como se volta para o altar.

E eis que alvorece fulgurante o dia
no calor que teu beijo communica,
na luz que de teus olhos irradia!

Alcides Centi

Ma aza do meu delirio...

Neste soturno e tragico deserto,
revido tudo o que vivi contigo,
tenho, para meu mal e meu castigo,
o coração sangrando e o peito aberto.

Antes nunca te visse! Antes, commigo,
não vibrasse o teu sêr de amôr referto.
Para nós dois fôra melhor, de certo,
viver, do amôr, no eterno desabrigo.

Mas tu que foste a luz da minha Treva,
que foste a redempção do meu Peccado,
—o immenso mal que eu te causei releva.

Releva-m'ô, perdôa... abre-me os braços...
que do meu coração despedaçado
has de ficar com os ultimos pedaços...

Franklin Palmeira

Dor bemdita

Espavorido, desolado e mudo,
Durante a noite, a sós, medito e leio;
E o silencio espectral que envolve tudo
Enche minh'alma de pezar e anceio.

Nas angustias da dúvida, sacudo
Os longos braços e a cabeça alteio.
Brado, blasphemo. Em vão... pois não illudo
As inquietantes maguas de meu seio.

Bemdita seja, emtanto a dôr. Bemdito
Seja este padecer que me alanceia
E põe todas as ancias no meu grito.

Soffro... Mas no soffrer é que começa
A brotar e a correr, a flux, a ideia
Da mysteriosa fonte da cabeça.

Remigio Fernandez

Só

—

De toda a parte me persegue o grito
Do prazer tresloucado e triunphante,
Afflige-me uma dôr tão grande e afflicto
Levanto os olhos para o céu distante...

Se procuro as estrellas do infinito,
Inda o infinito eu vejo delirante...
Que sentimento é que me traz proscripto
De toda essa alegria circumdante?

Entanto eu busco e quero o isolamento,
Onde me fere o perfido tormento
De te não vêr, ó candida creança!

Eu sou feliz na triste soledade;
Pois se mata do amôr esta saudade,
Nasce e vive do amôr minha esperança!

Manuel Lobato

A estatueta

Entre os almofadões do canapé, a um canto da saleta, o marido, um velho obêso e alvar, bocejando percórre uma gazeta, enquanto a esposa juvenil borda ou fica a scismar...

No ambiente põe o lustre um léve tom de heliantho. Que contraste apresenta esse curioso par! Da primavera em flôr ella traduz o encanto, elle a desolação dum inverno polar...

“Filha, vamos dormir”. Até que elle se mova, se erga e os oculos guarde, a esposa sonha... A alcova não a attrahe nem seduz. Bate o relógio as onze.

Na consóla, ao passar, vê o “Apollo” desnudo, a fital-a e a sorrir ao seu desejo mudo, na belleza pagã dos musculos de bronze...

José Simões

Christo

O' Sombra! O' Essencia! O' Espirito! O' Bondade!
Soberano de todos soberanos,
Esperança dos miseros humanos,
Jesus—Misericordia e Caridade;

Christo—Amôr! Christo—Luz! Christo—Piedade!
Divino apagador dos desenganos,
Tu que te foste ha quasi dois mil annos,
Sacrificado pela Humanidade,

Prometteste voltar! Não voltes, Christo:
Serás preso, de novo, ás horas mudas,
Depois de novos e divinos actos,

Porque, na terra, deu-se, apenas, isto:
Multiplicou-se o numero de Judas
...E vae crescendo a prole de Pilatos.

Vespasiano Ramos

Olhando a vida

Infancia. E como a vida nos parece
Um sonho leve num sorriso ardente,
Regato em doce murmurar de prece,
Cascata em saltos num tumulto ingente.

Mocidade. A primeira dôr que desce
Da primeira paixão, lasciva e crente,
Vinte sonhos num peito que padece,
Vinte amôres n'um beijo de serpente.

Velhice. E quando este viver se finda
No peito existe uma saudade ainda
Da dôr primeira e do primeiro pranto.

Como a vida, afinal, é um sonho louco:
Neste tormento de viver tão pouco
Toda a desgraça de soffrermos tanto.

Eduardo Ribeiro



Noite de insomnia

Noite triste de insomnia, invernososa e sombria!
Tudo em casa a dormir sómente, eu, acordado,
A fronte ardente em febre e uma grande agonia
A torturar sem dó meu coração maguado.

Como é triste a invernada! E esta noite, tão fria,
Me apavora demais... Por cima do telhado
Uma ave sepulchral sinistramente pia,
Enchendo de terror meu ser allucinado!...

Agora o vento ruge e chove muito ainda...
Ah! Se ao menos pudesse um momento dormir,
Se um minuto eu pudesse o corpo repousar!

Mas, não; somno não tenho e esta noite não finda.
Inferno! Vêr romper a manhã, a carpír
Esta insomnia maldita, este infindo penar!...

Philemon Assumpção

Curuja
—

A um suspeito rumor de passos que vêm perto
Da cruz, onde poisada estava, somnolenta,
Subito, despertou a curuja agoirenta
Daquelle antigo poiso esquecido e deserto.

Gesto de altivo espanto. O peito descoberto
Para as bandas da estrada, attonita, apresenta.
E abre e cerra e descerra a palpebra cinzenta,
Num grande olhar idiota, espavorido, incerto.

...Anoitecia. Alguem que, incauto, penetrára
Embebido na sombra, o aceiro da tapera,
Surpreso, junto á cruz, estático, estancára.

Depois, recúa e foge... A curuja persiste,
Numa idiota expressão de tristeza sincera,
Com aquelle mesmo olhar aparvalhado e triste...

Elmano Queiroz

Nazareth de outr'ora

Estamos no arraial. A tarde tomba;
esfuziam foguetes pelos ares,
ha lanternas de côres aos milhares,
vomita povo a grande machambomba;

arrebenta o morteiro, que ribomba,
sôam gaitas, tambores, nos bazares,
tocam marchas as bandas militares,
bimbalha o sino, quando estoira a bomba;

nos botequins entorna-se o champagne,
a plebe sôbe ao mastro-de-cocagne,
os nababos vão logo p'r'as roletas;

ceia-se, á noite; nos cafés diversos
frecham "cupidos" por alli dispersos,
brancas, mulatas, carafuzas, pretas!

Antonio de Carvalho

Pomo vedado

Toda vestida em saia de Bretanha,
—ventarola de pennas, como um ninho,
traz no alto da trunfa um rosmaninho,
molde fidalgo da toilette extranha!

Um ar de graça, por completo, a banha,
firmemente apoiada ao sapatinho...
A renda sóbe a saia em desalinho
como a hera que os muros emmaranha!

Chuvas de pasmo, raios de fragrancia
quando ella passa dentro de lampejos,
na tempestade azul das elegancias.

Borboletas ligadas são-lhe o cinto,
e eu solto a grande vela de meus beijos,
no procelloso mar do labyrintho!

Alcides Bahia

Eu

—

Sempre fui triste. Dôr que não entendo,
Porque um mysterio envolve, certamente.
Aguilhôa a minh'alma de descrente,
Cinzas de sonhos nella revolvendo.

As illusões uma a uma, vão morrendo,
Como as flôres do campo ao sôl ardente,
Como nuvens subtis que, lentamente,
Se vão formando e vão-se dissolvendo.

Desejos e ambições não têm guarida
Em coração que vive sem ter vida,
Preso á desdita em multiplos atilhos...

Aclarando a ascenção do meu Calvario,
Um astro apenas vejo, solitario,
—O amor de minha esposa e de meus filhos.

Pereira de Castro

Victoria-Regia

Dorme o lago sob a aza orvalhada da sombra...

O matagal respira, e, no halito da briza,

Ha o frio da agua mansa e o cheiro acre da alfombra.

A olencia equatorial, que no ar se vaporiza...

E é de vêr da nympheacea, em sítio em que ella ensombra.

A esbelta ambula real bojando na agua lisa...

Mas venha o sol, e, enquanto a selva, que se assombra,

Pela garganta da ave, a luz sensibilisa.

Surge, periantho em pompa, heril a forma egregia.

A perfumar o ambiente, onde o olhar se recreia

Alma da terra verde, á alva victoria-régia...

...Mas se maior belleza, ó viandante, preferes,

Sob o céu da Amazonia, a domar a alma alheia,

Admira, ao sol do amôr, a graça das mulheres!

Carlos Nascimento



ESPARSAS

POESIAS

DE

J. Eustachio de Azevedo



ESPARSAS

Musa nova

Poesia recitada pelo auctor, no Lyceu Benjamin Constant, nas festas commemorativas á Exposição de 1895, em saráo da "Mina Litteraria"

*O romantismo sombrio
morreu a noite passada,
expirou como um vadio
n'um catre d'agua furtada.*

GUERRA JUNQUEIRO.

De facto, já morreu, coitada, a Musa Antiga dos pallidos Romeus, das tolas Julietas... hoje, um moderno ideal a nossa mente abriga, hoje, um novo horisonte enthusiasma os poetas!

Nasceu, cheia de vida, esbelta, a Musa Nova lançando para sempre o romantismo á cova! azorragando o crime, a paixão vil, proterva; cantando a Evolução, batendo a metaphysica, zurzindo o especialista e a sciencia que inerva: a velha theologia a se extinguir já tysica.

E' cauterio que salva, e é braza que desfaz o velhaco beaterio, hypocrita e minaz!

Dizem ser immoral a Musa da Verdade,
por que fulmina o vicio em seus rythmos de fogo!
e achavam pura e casta, ingenua, sem maldade,
essa velha sensual que hontem morreu de gôgo!...

Qual dellas a melhor: a que castiga o crime,
o vicio e queima, a rir, as podridões modernas,
que se introduz no albergue, e vae pelas tavernas
condemnando o que é máu, cantando o que é sublime;

ou a que nos dizia, assim (que ingenuidade!)
no meio de um salão:

“.....o meu amôr é fogo,
que se alimenta no voraz segredo...
se de ti fujo, é que te adoro louco,
—és bella, eu moço, *tens amôr, eu medo!*”

Romanticos, dissei-me: A Musa da innocencia
é esta, pois não é?! a pura, a romanesca?...

mas, estuda-e-lhe o fundo, investiga-e-lhe a essência,
e procura-e moral... que haveis de achal-a fresca!

A Musa Nova, não! Nada lhe eupanna o brilho,
fala a verdade só, condemna o retrocesso
e vae seguindo sempre o luminoso trilho
da Redempção, do Amôr, da Ordem e do Progresso.



A arte

Soneto declamado pela eminente actriz brasileira sra. Lucilia Peres, no palco do Theat o da Paz, na festa promovida em sua honra, pela familia parzense, na noite de 28 de janeiro de 1919.

A Arte é Galileu forjando o telescopio,
rasgando do infinito o nebuloso véo!...
é Gomes, é Bellini, a embriagar-nos d'ópio
fazendo-nos sonhar com musicas do céo!

A Arte é Raphael Sanzio,—o magico talento,
a retratar Jesus na téla purpurina!
é Gutenberg, o herôe, fôcando o pensamento
na grande luz da Imprensa, a deusa peregrina!

A Arte é Anna Pavlowa a extasiar o mundo,
é o tragico Zaccone, artista sem segundo,
a interpretar no palco os ciumes de um Othelo!

A Arte é Victor Hugo,—o poeta glorioso,
é tudo quanto é nobre, altiloquo, pomposo,
é tudo quanto é grande, é tudo quanto é bello!



o Sapo

Guapo, verde, de crosta encharcada onde o visgo
luzia, ao sol de estio, em cambiantes bizarras,
escancarando a bocca, inchando o mólle papo,
pensava, no coaxar, imitar as cigarras,
elle,—um misero sapo!

Poeta do charco, estheta, amado das mais lindas
princezas da lagôa, aos saltos, á conquista
das glorias do sapal, a deletrear horacios,
do alto fitava a grei composta de pascacios,
como um sapo allemão, de luxo, um sapo artista!

Trajava á americana, e em toda a redondeza
ninguem mais elegante,
desde o vil cururu'
ao sapo mais chibante!

No fundo do paul, em terso e bello estylo,
elle, fazendo o chylo,

levantava ao bom senso altares de marfim,
em quadras impeccaveis,
em sonetos modernos,
supernos,
adoraveis,
com phrases em latim...

Philosopho, na selva, os seus olhinhos piscos,
pelas noites de inverno, a fazer curvaturas,
espadanavam luz iluminando os lagos,
n'uma vida de sapo, a procurar venturas,
da rã verde aos affagos...
E a todos impingia
do super-sapo a sã philosophia!...

A presumpção matou-o. Um dia, à luz do sól,
julgou-se mais que sapo, e quiz ser rouxinol!...
Saltou da poça d'agua, e alegre, e peganhento,
travestido em portento,
aos pulos, a coaxar, o atoleiro deixou,

e pôz-se pela estrada, a rir e a pandegar,
como um sapo exemplar,
que do jugo paterno, alfim, se emancipou...
Mas, sapo é sempre sapo, e o charco é seu reinado:
Uma carroça velha, andar desengonçado,
passando-lhe por cima, a chiar, o esborrachou!



Boi velho

Quando moço, foi toiro, e reforçado,
de olhar sanguineo, de vigor no artelho...
—o terror do vaqueiro mais ousado,
era da força e do valor o espelho!

Laçaram-n'ó, por fim, no descampado...
mordaçaram-n'ó; e, empós, sujeito ao rêlho,
ficou—elle que fôra um potentado—
affeito ao mando de um *senhor*! Já velho,

philosophando passa agora a vida,
de olhos mortos, babando, a ruminar,
preso á canga premente da charrua!

E, á noite, no curral, longe da lida,
—de alguém que amou, talvez, a se lembrar—
muge soturnamente á luz da lua...

Carlota Corday

Querendo libertar a idolatrada
Patria, de um monstro deshumanitario,
e nelle vendo apenas um falsario,
vibrou-lhe a justiceira punhalada!

Criminosa divina e sublimada,
teve, após, como Christo, o seu Calvario,
recebendo, ao morrer, do sanguinario
carrasco, a deshumana bofetada!

Dizem que enrubescera... mas, de certo,
de gaudio era o rubor! O patriotismo
fel-a corar de jubilo e afoiteza:

E' que ouvira, ao morrer, de si bem perto,
—a Patria, abengoando-lhe o heroismo,
nos accordes febris da Marselheza!

Joanna D'arc

(CANONISADA EM 1920)

*Atens agora,
Em vez do campo do lutar immenso,
Do templo a nave; em vez do fumo, o incenso,
O perfumoso incenso dos altares!*

JOÃO DE DEUS DO REGO.

Cheia de fé christã, d'elmo e de lança,
sorridente, á batalha te arrojaste...

Anio Exterminador, Orleans livraste
do jugo inglez, que torturava a França!

Dessa victoria o premio que alcançaste,
foi do fogo a tortura, sem tardança...

o odio do jesuitismo, a atroz vingança
desse bispo Cauchon, que encanazinaste!

Mas, para escurecer passados erros,
lavando a infamia dos pristinos pêrros,
teu vulto heroico o Papa hoje alevanta:

E a mesma Igreja que te queimou viva,
por "impia e bruxa", agora, compassiva,
num altar te colloca e te faz Santa!

Errare humanum est...

Dizem que antigamente o Artifice da Luz
um mestre nos quiz dar, um conselheiro, um guia
para nos consolar nas horas de agonia...
e fez nascer um dia em Nazareth,—Jesus.

Christo, a imagem do Bem, da Mansidão, sublime,
abatêra dos maus o orgulho, e a Fé pregando
consequira extinguir do mundo miserando
as manhãs do Terror e as noites vís do Crime.

O hypocrita, porém, Tartufo eterno e novo,
de maldade repleto, apontou Christo ao povo
como um grande intrujão,—sorrindo-se á socapa...

Nos seus eixos a terra estremeceu pasmada:
a humanidade atróz, perversa, allucinada,
—crucificára o Christo e enthrônizára—o Papa!

Errare humanum est...

Version française du sonete de Mr. J. Eustachio de Azevedo. "Folha do Norte", 25—12—1917.

L'Oeuvre de la Lumière, anciennement, on dit,
pour nous donner un maitre, un conseiller, un guide,
notre ame consoler, quand l'agonie la vide,
voulut, á Nazareth, que Jésus descendit.

Le Christ, miroir du Bien, de la Douceur, sublime,
avait vaincu l'orgueil des méchants par la Foi,
du monde misérable, avait chassé l'émoi
des aubes de Terreur, des viles nuits de Crime.

Mais Tartufe hypocrite, éternel, d'aujourd'hui,
cruel, au peuple dit, montrant le Christ: "C'est lui,
le voilà, c'est l'intrus!"—et il riait sous cape...

Toute la terre tremble, un frisson la traverse:
l'atroce humanité avait, folle et perverse,
crucifié Jésus, intronisé—le Pape!...

Dr. A. Stiévenart



Vinte de Setembro

Faço annos hoje. Quantos? pouco importa...
basta que saibam que, na minha vida,
— eu conto mais uma illusão perdida,
— eu vejo mais uma esperança morta!

Inda não quiz a morte a minha porta
transpôr; e, horripilante, de vencida,
levar minh'alma já desilludida
deste mundo, que tanto mal comporta...

Não me queixo, não choro e nem me ralo
por esse interessante esquecimento...
e aqui ficando vou para semente...

Só peço a Deus que, para meu regalo,
me remetta do céu, por este evento,
alguns contos de réis, como presente...

Envelhecendo...

(NO DIA DE MEU NATALICIO)

Calculo em vinte e poucos annos o tempo que talvez me sobre de existencia.—PADRE DUBOIS.

Mais um anno de vida sobre o lombo
hoje carrego, qual possante fardo,
e assim vivendo vou, mesquinho bardo,
tropeçando em calhãos, fugindo a um tombo.

Se em cálculos que faço levo um rombo,
reminiscencias desse azar não guardo...
e se nas pyras da má sorte eu ardo
entrego-me á Esperança e da dôr zombo.

A lueta pela vida me avigora,
sinto-me bem espinhos palmilhando,
de desenganos indo em desenganos...

e peço a Deus, nesta nascente aurora,
que me deixe viver, assim, luctando,
como o padre Dubois, mais uns vinte annos...

Fevereiro

E' dos irmãos o que mais breve passa
e, dentre todos, o que tem mais bôlha;
nelle revive o mundo da chalaça,
Chicard, marotte, porta-voz de folha!

Tira da bocca a impertinente rôlha
e zurze a pelle dos Catões, na praça!
De todos zomba sem fazer escolha,
como um bohemio da mais fina raça!

Guizos! Cancan! Mulheres capitosas!
Champagne! Embriaguez! Noites chuvosas...
tosses, tuberculose... bombo e rufo!

Mez em que o mundo a mascara afixa
e, tal qual é, bem franco, se revela...
deixando de ser Jano e bom Tartufo!



O Porco

Ha de ser porco inda que o rei dos bichos
O faça corteção por seus caprichos.

BOCAGE

As leis da natureza ninguém tórce...
uma gralha não pôde ser pavão;
o reichelo, por muito que se esfórce,
ha de ser sempre sujo e porcalhão!

Querendo se eximir às leis supernas,
um gordo bacorinho de Sobral,
despresára a sagina onde engordava
e fôra, entre os janotas,
fazer figuração no carnaval.

Deixou de comer trufas e bolótas
na pocilga, no sórdido curral;
pôz cartola, envergou fina casaca
e nas patas trazeiras calçou bôtas.
De *badine*, e monoculo ao focinho,
firme como uma estaca,
o gordo bacorinho
appareceu, por fim, na capital.

Era o tempo de inverno, e o porco se esquecendo
do papel que tão bem representava,

um lago d'agua suja e lama vendo,
o volutabro amigo ser julgou,
por quem já suspirava...
e no lago, a grunir, refocilou,
deitando-se de bôrco!...

Não se póde fugir ás leis da natureza:
Não ha lodo que tise
a plumagem de um cysne...
e o porco,
embora se disfarce,—é sempre porco!



Ao entardecer...

Ella "não gosta dos meus versos", disse;
"os do Hermes Fontes, sim, são do seu gosto..."
"possuem do symbolismo a exquisitice"
"e os roseos semi-tons de um céu de agosto".

Os meus, "são tristes, como um sôl já posto,
"communs, sem vibrações nem garridice."
E ao dizer isto eu vi pallido o rosto
dessa rosa em botão, que é D. Alice!

Aquella pallidez deu-me conforto:
senti no coração, de illusões morto,
os roseos semi-tons de um céu de agosto!

Emquanto D. Alice, o seio arfando,
erguera o doce olhar, terna, fitando
o esbatido painel de um sôl já posto...

Ninho vasio.

Visionario, sonhei ter, com carinho,
para abrigar o meu Amôr e a mim,
architectado um velludoso ninho
n'uma torre, bem alta, de marfim...

Longe do citadino borborinho,
junto de meu amôr vivendo assim,
julgára-me do céu pelo caminho,
tocando quasi da ventura o fim!

Mas, um dia accordei desse meu sonho...
e vi, maninho e mau, místico e medonho,
um deserto de gelo ao derredor!

E meu ninho vasio, e ennegrecida
pela invernada crespá e desabrida,
—a torre de marfim do meu Amôr!

Minha terra

(Canção musicada pelo maestro Alípio Cesar)

Não ha no universo paiz mais formoso,
mais rico e ditoso
do que o meu Brasil!

Aqui corre a vida, feliz e radiante,
num céu deslumbrante,
tingido de anil!

Nas horas calmosas, em redes de pennas,
formosas morenas
se embalam a sonhar...

E a brisa cheirosa que passa ligeira
lhes vae prasenteira
na fronte beijar...

E' a terra do sonho, das graças, nativa,
que a todos captiva
sem nada exigir...

Seu sólo ubertoso riquezas encerra,
Brasil, minha terra
de roseo porvir!

Revedo os primores com que foi dotada
a terra adorada
das deusas irmã,
confunde o estrangeiro seu nome, que eu prêso,
e exclama surpreso:

BRASIL... CHANAAN!

Não ha quem pisando seu sólo abrigoso
não nade de goso,
de venturas mil,
ao vêr os requintes e a immensa belleza
com que a natureza
brindou meu Brasil!

Torrão de delicias... as moças formosas
toucadas de rosas
de lindo matiz,
murmuram em côro que a todos encanta:

—Brasil! terra santa,
ditoso Paiz!...

—
Sós !...

Nós dois sômente, ninguém mais, relendo
nossas cartas de amôr immaculado...
longe do mundo, num *chalet* doirado,
nós dois sômente e Deus do céu nos vendo...

Sós! e mais tarde um anjo a nosso lado
—fructo de nosso amôr—tambem vivendo...
nós a emballalo quando o sol morrendo
fosse—e a vel-o dormir acalentado...

Aconchegar-te ao peito meu, contar-te
o que o verso não diz, anjo! Adorar-te
haurindo o aroma que teu labio encerra...

E' tudo quanto aspiro nesta vida,
ê a minha esperança estremecida...
—a que me faz viver inda na terra!

Solos!...

(Traducion de d. Francisco Cepeda)

Tu y yo solitos, nadie más, leyendo
nuestras cartas de amor immaculado,
en nuestro hogar de flôres circundado,
sin ver á nadie y del bullicio huyendo...

Más tarde un angelito a nuestro lado,
fruto de nuestro amor,—tambien viviendo...
ora dormido cuando el sol muriendo
vaya, ó por nuestros besos despertado...

Unirte al pecho mio, revelarte
lo que el verso no dice, y adorarte,
ébrio del néctar que tu labio encierra...

es todo cuanto ansio en esta vida,
la esperanza más dulce y más querida
que me deja aun vivir sobre la tierra!

("Nevoeiros". de J. Eustachio de Azevedo).

Morta

Entrei hontem na Sé, como um ladrão, com medo que alguém me visse e fôsse o meu maior segredo contar, como se conta um facto escandaloso...

É caso muito raro, é caso sem exemplo, um impio penetrar, cheio de fé, n'um templo, e de joelhos orar, constricto e respeitoso...

Dulce tinha-me dito: "A gente fica boa, quando alguém que nos ama uma oração entôa na casa do Senhor, pedindo a Deus por nós..."

Somnambulo accordado, eu caminhei chorando em direcção da Sé, e o orgulho meu quebrando, —rezei, ouvindo ainda o som d'aquella voz...

Todos dirão:—Mentira, um blasphemo não reza...

E mentira não é:—rezei; a minha reza foi sublime de fé, foi cheia de fervor... prostrando-me beijei o chão do templo augusto, respeitoso osculei de Christo o meigo busto, pedindo a salvação do meu primeiro amor!...

Quando, porém, voltei contente do meu acto
e, subtil, entreabri, com timido recato,
d'alcova onde Ella estava, a pequenina porta...
inaiis uma vez descri do balsamo que trazem
as santas orações que os desgraçados fazem...
Dulce estava sem côr, enregelada, morta! (1)

(1) *Esta poesia foi vertida para o suéco, pelo eminente polyglota scandinavo, dr. Goran Björkman, membro do Instituto Nobel, e publicada no seu livro "Brasilien Literatur", a pags. 46, com o título: "Gudsfornekaren bon".*

Encantos do Pará

Um céu azul, de estrellas recamado,
—o céu mais lindo do universo inteiro,
onde Phebe resplende e sublimado,
e soberano, o sol brilha altaneiro;

azues montanhas; mares e campinas
verdes; praias de areias luminosas...
manhãs albetes, noites opalinas
e balsamicas tardes deleitosas...

Florestas virgens, passaros altivos,
de plumagem cambiante e canto ingente,
siriêmas, sabiás, gallos da serra...

são primores, bellezas e attractivos,
que tornam bemfadada e seducnte
a joia do Brasil que é minha terra!



BIBLIOGRAPHIA



BIBLIOGRAPHIA

Damos abaixo, para completar este trabalho, a resenha das obras litterarias publicadas no Pará até hoje, e daquellas que o não sendo são productos da intellectualidade paraense, a começar de 1850 :

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha: "Obras Litterarias", publicado posthumamente, 1850. Bruno Henrique de Almeida Seabra: "Flôres e fructos", versos, 1862. Tito Vespasiano Fiock Romano: "Chrestomatia", 1867. Severiano Bezerra de Albuquerque: "Lyra das Selvas", versos, 1868. Francisco Ferreira de Vilhena Alves: "Moncdias", versos, 1868; "Enlevos poeticos", versos, 1871; "Selecta Litteraria", prosa, 1900. Carlos Hyppolito de Santa Helena Magno: "Harpejos poeticos", versos, 1869. Julio Cesar Ribeiro de Sousa: "Pyraustas", versos, 1871; "Grammatica da Lingua Portugueza", 1872; "Navigation Aérienne", la direction des balons, 1893; "Poesias", edição posthuma, 1911. Luiz Deme-

trio Juvenal Tavares: "Pyrilampos", versos, 1873; "Paraenses", versos, 1877; "A viola de Joanna", versos populares, 1887; "Versos antigos e modernos", 1889; "A vida na roça", contos, 1890; "Musa Republicana", versos, 1892; "O maldito", poemeto, 1893; "A vapor e a cavallo", impressões de viagem, 1895; "Serões da mãe preta", contos para crianças, 1897; "A vida na roça", 2ª edição, 1900. Conego Francisco Bernardino de Sousa: "Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas", 1873. José Verissimo: "Primeiras paginas", 1878; "Scenas da vida amazonica", contos, 1886; "Estudos brasileiros", 1889 a 1894; "A educação nacional", 1892; "Estudos da litteratura brasileira"; "A pesca na Amazonia", 1895; "Historia da litteratura brasileira", 1914-1916. Gustavo Adolpho Cardoso Pinto: "Risos e Lagrimas", versos, 1882; "Cantos do desterro", versos, 1884. Marcellino Augusto de Lima Baratta: "A Tentação", poemeto, 1883. Domingos Antonio Rayol, barão de Guajará: "Motins Politicos", 5 volumes, 1883. Paulino de Almeida Brito: "O homem das serenatas", romance, 1883; "A Bebedeira", poemeto, 1883; "Noites em claro", versos, 1888; "Cantos amazonicos", versos, 1900; "Grammtica primaria"; "Grammatica complementar"; "Grammatica secundaria" (sem datas). Joaquim Francisco de Mendonça Junior (*Mucio Javrot*): "Crepusculares", versos, 1884; "A comedia paraense", critica, 1884. João Marques de Carvalho: "Lavas", versos, 1886; "O sonho do monarcha", poemeto, 1887; "A Hortencia", romance naturalista, 1888; "Entre as nymphéas", contos, 1896; "A carteira de um diplomata", prosa, 1899; "O livro de Judith", contos, 1899. João de Deus do Rego:

“Primeiras rimas”, poesias, 1888; “Numa petala de rosa”, poemeto, 1887; “Ultimas rimas”, versos, edição posthuma, 1905. José Eustachio de Azevedo (*Jacques Rolla*): “Orchidéas”, versos, 1888; “Nevoeiros”, versos, 1895; “A viuva”, romance naturalista, 1896; “Brasil”, poemeto, 1900; “Anthologia amazonica”, 1904; “Dedos de prosa”, contos e chronicas, 1908; “Musa Eclectica”, versos, 1909; “Vindimas”, artigos e chronicas, 1913; “A Irmã Celeste”, drama em 4 actos, 1916; “Anthologia amazonica”, 2.^a edição augmentada, 1918; “Bellas Artes”, conferencias, 1920; “De capa e espada”, contos, 1921. Raymundo Melchíades Alvares da Costa: “Ensaio de critica”, 1888; “Paginas avulsas”, artigos e chronicas, 1895; “Catecismo deista”, obra philosophica, 1907; “A imagem da vida”, verso e prosa, 1908. Leopoldo Sousa: “Sombras”, versos, 1890. Olympio Lima: “Trunfo é páus”, 1891. Ovidio Filho: “Rimas e Rythmos”, versos, 1892; “Escravonetas”, versos, 1898; “Maria Luiza”, romance naturalista, 1900. Emilio Gœldi: “Os mammiferos no Brasil”, obra scientifica, 1893; “As aves do Brasil”, idem, 1894. Maria Simões: “Lyrios d’alma”, versos, 1893. João Lucio de Azevedo: “Estudos da historia paraense”, 1893; “New-York”, viagens, 1897; “Os jesuitas no Grão-Pará”, 1901. Theodoro Rodrigues: “Pallidos”, versos, 1895; “Canções do Norte”, versos, 1900. Acrisio Motta: “Coisas profanas”, versos, 1895; “Fadas e lobishomens”, contos infantis, obra posthuma, 1908. José da Gama Abreu, barão de Marajó: “As regiões amazonicas”, estudos chorographicos, 1895; “Do Amazonas ao Bosphoro”, viagens, 1896. Lauro Sodré: “Crenças e opiniões”, 1896; “Palavras e actos”,

livros de combate, 1897; "Pelo Norte e pela Republica", discursos, 1913. Fran Paxeco: "O Guarany", estudo, 1896. Euclides Faria: "Brisas d'Amazonia", versos, 1898. Hermeto Lima: "Stalagmites", versos, 1898; "Urnas", versos, 1900; "Iris", versos, 1907. Antonio Silva: "Fogos fatuos", versos, 1899. Antonio Macedo: "Noções de Historia do Brasil e do Pará", 1903. Romeu Mariz: "Limbo", versos, 1902; "Cosmorama", versos, 1905. Carlos D. Fernandes: "Solaus", versos, 1902. Armando Bello: "Cirrus", versos, 1904; "Balbucios", versos, 1906; "Ultimas trovas", versos, 1910. Alfredo Ladislau: "Scenas da vida paraense", contos, 1904. João Flexa Ribeiro: "Episodio tragico", poemeto, 1905; "Sol", versos, 1906; "Litania pagã", versos, 1907; "Filho de Almeida", estudo, 1914; "O amôr e a Morte", poemeto, 1914. Virgilio Cardoso de Oliveira: "Mosaico infantil", 1905; "A Terra", geographia primaria, 1905; "Patria Brasileira" (depois "Nossa Patria"), 1905; "Terra Brasileira", 1907. Tito Cardoso de Oliveira: "Arithmetica Rudimentar", 1906; "Arithmetica Complementar", 1907; "Geometria Primaria", 1907; "Chave Auxiliadora", problemas, 1920. Rocha Moreira; "Brocattellos", versos, 1906; "Versos pagãos", 1908; "Pompas", versos, 1910; "Pan", versos, 1913; "Torre do Sonho", versos, 1915; "Flôres e Guisos", prosa, 1921. José de Carvalho Lima: "Narrativas militares", episodios da campanha de Canudos, 1906. Dr. Vicente Chermont de Miranda: "Glossario paraense", 1906; "Os campos do Marajó e sua flóra", 1907. J. Huber: "A seringueira", estudo scientifico, 1907. Ludovico Lins (*João do Canto*): "Minutos alegres", chronicas,

1907. Tapajós Gomes: "Atravez do 5.º anno", sonetos academicos, 1907. Antonio Alves de Sousa: "Crepusculares", versos, 1908; "Equatoriaes", versos, 1909. Mecnas Rocha: "Heras", prosa, 1908; "Cambiantes", prosa, 1916; "Ruinas", prosa, 1920. Nogueira de Faria (*Leocadio Guerreiro*): "Branca do Céu", versos, 1909; "Legião Branca", sonetos, 1911; "Sempre o Amôr", poemeto, 1912; "Arvore má", versos, 1919; "O poder de Deus", drama em verso, 1920. Elmano Queiroz: "Matinas", versos, 1909. Antonio Chaves: "Poema da magua", versos, 1909. Roberto de Azevedo: "Laivos", prosa, 1910. Raymundo Pereira Brasil: "Os sertões do rio Tapajós", prosa, 1910. Martins Bessa: "Conferencias", 1911. Terencio Porto: "Pela vida", prosa, 1911. Elmira Lima: "Na seára de Jesus", prosa, 1.º volume, 1912; "Na seára de Jesus", prosa, 2.º volume, 1913; "Alma em rythmos", versos, 1914. Augusto Meira: "Esthesia Philologica", prosa, 1912; "Corymbos", versos, 1917. Valente de Andrade: "Evolução politica", prosa, 1913. Carlos B. de Sousa: "Arco-iris", prosa, 1913. Lucilo Fender: "Carta de A, B, C", versos, 1914; "Os nheengai-bas", poemeto, 1917. José Coutinho de Oliveira: "Lendas amazonicas", 1916. Hamilton Barata: "O irreparavel", prosa, 1915. Ignacio Moura: "Annuario de Belem", em commemoração do seu tricentenario. 1915; "A luz de outr'ora", prosa. 1920. Araujo dos Santos: "Topasios", versos, 1915. Julio Lobato: "Notas de um reporter", 1916. Lopes de Castro: "P'ra guerra!", prosa, 1917; "Novas do Além", prosa, 1919. D'Artagnan Cruz: "Agostinas", prosa, 1917. Farias Gama: "Miragens", versos, 1917. Raymundo Trindade: "O

Estado e os Municipios do Pará”, 1.^a edição, 1917; 2.^a edição, 1921. José Carvalho: “D. Barbara”, peça dramatica, em verso, 1917. José Brasil: “A culpa”, prosa, 1918. Domiciano Cardoso (*Agapito Solenne*): “Entre o rapé e o paraty”, prosa humoristica”, 1916. Ferreira dos Santos: “Duvidas e Conjecturas”, prosa, 1917. Lucidio Freitas: “Vida obscura”, versos, 1917. Dejard de Mendonça: “Evangelho de meu filho”, sonetos, 1917. Luiz Queiroz de Albuquerque: “Poemas singelos”, versos, 1918; “Atomos”, versos, 1918. Curcino Silva: “Sarçaes”, versos, 1918. Albano Vieira: “Humbral de rosas”, versos, 1918. Remigio Fernandez: “Selva”, versos, 1919. Candido Costa: “Momento historico”, licção de educação civica, 2 volumes, 1920. Raymundo Proença e Sylvio Nascimento: “Noções de Historia Patria”, 1920. Arthur Porto: “O ensino educativo no Pará”, conferencia pedagogica, 1921. Natividade Lima: “Musa bohemia”, versos, edição posthuma, 1921. Wenceslau Costa: “O mysterio do Gravata Parda”, aventuras policiaes, 1921. Marcos Nunes: “Conferencia sobre a historia da guerra, estrategica e tactica”, 1921.

Nesta resenha, QUE NÃO TEM ABSOLUTAMENTE A PRETENÇÃO DE SER COMPLETA, não foram incluídas algumas obras, por já terem sido citadas no livro, quando falamos de seus auctores.

E aqui depomos a penna pedindo escusas pelas imperfeições deste livrinho, escripto quasi de afogadilho, porém, com carinho e honestidade: *Faciant meliora potentas.*

FIM

Observação

Passaram, infelizmente, pelas malhas da revisão deste livrinho, alguns erros, sendo os mais graves os seguintes, que pedimos ao leitor para anotar nas paginas respectivas:

<i>Pag.</i>	<i>Linha</i>	<i>Erro</i>	<i>Emenda</i>
XII	1	que, Julia	que Julia
17	4	lhe	lhes
23	11	humanidade	humildade
24	31	dilettanismo	dilettantismo
27	14	, occupa	occupa
34	12	pas	passe
38	12	1782	1872
147	1	D'arc	D'Arc
149	13	d'aujord'hui	d'aujourd'hui

Marques de Carvalho (João) já o disséra:

“Livro sem errata, no Brasil, é um mytho.”



OBRAS DO MESMO AUCTOR

	volumes.
Orchideas, <i>poesias</i>	1 "
Nevoeiros, <i>poesias</i>	1 "
A Viuva, <i>novella</i>	1 "
Brasil, <i>poemeto</i>	1 "
Anthologia Amazonica (1 ^a edição)	1 "
Dedos de prosa, <i>contos</i>	1 "
Musa Eclectica, <i>poesias</i>	1 "
Vindimas, <i>artigos e chronicas</i>	1 "
Irmã Celeste, <i>drama em 4 actos</i>	1 "
Anthologia Amazonica (2 ^a edição au- gmentada)	1 "
De capa e espada, <i>contos</i>	1 "
Bellas Artes, <i>conferencias</i>	1 "

TRADUCCÕES

- A bella Luciole, *romance de Ch. Hubert.*
 Theodora, *romance de Petros Bolzores.*
 A Transviada, *romance de Ch. Hubert*
 Um crime mysterioso, *romance de Conan Doyle.*
 A marca dos quatro, *romance de Conan Doyle.*
 O envenenador, *romance de Headon Hill.*
 O Dedalo, *drama de Paul Hevien.*
 A que morreu de amor, *romance de H. Trémier.*





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA